



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EXTENSÃO RURAL**

RAIMUNDA PEREIRA DA SILVA

**LUZ NO CAMPO: a chegada da energia elétrica na comunidade do
Cabeça, Serra de Itiúba-Bahia**

JUAZEIRO – BA

2021

RAIMUNDA PEREIRA DA SILVA

**LUZ NO CAMPO: A chegada da energia elétrica na comunidade do
Cabeça, Serra de Itiúba-Bahia**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Extensão Rural, pela Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF.

Linha de Pesquisa: I - Identidade, Cultura e Processos Sociais

Orientador: Prof. Dr. Fulvio Torres Flores

Coorientador: Prof. Dr. Braz José do Nascimento Júnior

JUAZEIRO – BA

2021

	Silva, Raimunda Pereira da
S586l	Luz no campo: a chegada da energia elétrica na comunidade do Cabeça, Serra de Itiúba-Bahia / Raimunda Pereira da Silva. – Juazeiro-BA, 2021. xiii, 100 f. : il. ; 29 cm.
	Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) - Universidade Federal do Vale do São Francisco, Campus Espaço Plural, Juazeiro - Ba, 2021.
	Orientador: Prof. Dr. Fulvio Torres Flores.
	Inclui referências.
	1. Identidade Cultural. 2. Educação Escolar 3. Práticas socioculturais. I. Título. II. Flores, Fulvio Torres. III. Universidade Federal do Vale do São Francisco.
	CDD 306

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Integrado de Biblioteca
SIBI/UNIVASF Bibliotecário: Márcio Pataro. CRB - 5 / 1369.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EXTENSÃO RURAL**

FOLHA DE APROVAÇÃO

RAIMUNDA PEREIRA DA SILVA

**LUZ NO CAMPO: A CHEGADA DA ENERGIA ELÉTRICA NA
COMUNIDADE DO CABEÇA, SERRA DE ITIÚBA-BAHIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural da Universidade Federal do Vale do São Francisco - UNIVASF, Campus Juazeiro - BA, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Extensão Rural.

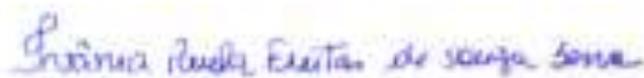
Linha de Pesquisa: I - Identidade, Cultura e Processos Sociais

Aprovada em: 26/02/2021

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Fulvio Torres Flores (Orientador/UNIVASF)



Profa. Dra. Ivânia Paula Freitas de Souza Sena (UNEB)



Prof. Dr. Reginaldo Carvalho da Silva (UNEB)

À mainha, por todas as oportunidades de estudar que ela não teve quando criança, depois de idosa, impregnou que não consegue mais aprender a ler nem a escrever. Por ela ser tudo que tenho de mais valioso na vida. Dedico este trabalho também a todos àqueles que me veem de maneira que eu jamais conseguiria e especialmente aos que se doam e amam constantemente apesar das intempéries.

DEDICO

AGRADECIMENTOS

Ao Amor Divino por me amparar em todos os momentos e com sua onipresença de amor e luz nos permite irradiar amor, positividade e esperança.

Aos meus pais pela educação. **À mainha** pelo apoio, pelo amor incondicional. Além disso, apesar de não ter escolaridade nenhuma, ela é fascinada por leitura e escrita, apesar de tomar para si o ditado que diz: “papagaio velho não aprende a falar”. **Ao meu querido pai** (*in memoriam*) que só estudou até a primeira série e mesmo estando em outro plano astral, certamente está olhando por nós. Ele não teve a oportunidade de me acompanhar nesse processo, mas outrora era perceptível o orgulho que ele tivera da pessoa que estivera me tornando. Mainha, eu amo ser sua filha, meu maior exemplo de amor e bondade.

Aos meus familiares de modo geral, em especial ao **Bento**, ao **José** e à **Daniela** que foram meus fieis escudeiros durante a pesquisa de campo, nas partilhas pelas longas caminhadas, entre risos, dores e as belezas que conseguimos visualizar nos trajetos. **À Elineide** (prima-irmã) por tudo que fez por mim. **Ao compadre Amaro** (*in memoriam*), **à minha tia Leocadia** (*in memoriam*), **à tia Martinha** e **tio Mundinho** por me envolverem de amor sempre.

Ao meu orientador e coorientador pelo auxílio, paciência, compreensão e por, além de doutores, serem humanos de corações ímpares. **À sorte** por meu trabalho ter sido escolhido por pessoas que agora fazem parte da minha história.

A todos os professores que passaram pela minha vida acadêmica. **À Dona Maria**, minha primeira professora. O **professor Joel Porto** que também é uma das minhas referências de amor. **A professora Ivânia Paula Freitas** é um dos maiores exemplos de pessoa e profissional que já conheci, no nosso encontro houve uma conexão de almas.

À Emiliana Carvalho, pessoa ímpar, pelo suporte, cuidado e carinho e, principalmente, por acreditar e me auxiliar na construção deste site, deste sonho.

A todos os meus amigos, tanto os do PPGExR como do Espaço Plural, e os conquistados ao longo da vida. Com eles construí afetos. **À Catiana (Kaká)** pela parceria, amor e cuidado. **À Wliane, Bia e Priscila** por me hospedarem em alguns momentos. **À Kátia, Jaziel, Geiza e Simone** pela companhia. **À Elijalma, Charles, Nilo, Zé Américo, Ana e João Pedro**. Enfim, a todos aqueles que contribuíram direta ou indiretamente para que esse sonho tomasse forma e concretude.

À comunidade do Cabeça, na Serra de Itiúba, pelo carinho, pelo incentivo. Por acreditar em mim, no meu trabalho e pela forma tão peculiar de me ver.

Para mim o esforço de estudar foi e será sempre um processo contínuo. A força motriz para a (re) construção de conhecimentos são as pessoas que direta ou indiretamente fazem parte da minha trajetória, pois a melhor parte do caminho são as companhias, as belezas e, até mesmo os obstáculos que se tornam ínfimos diante da grandeza da chegada. O fato de saber que podemos transformar vidas é muito gratificante. A ação de fazer registros, ouvir sonhos, angústias, sentir esperança, contemplar o sentimento de pertencimento e compartilhar experiências são únicos e nos servem para compreender o real significado que um trabalho desse nível tem para mim, para as pessoas da comunidade, para a Serra e para a sociedade como um todo. Entendo que a escrita de modo geral é árdua e ao mesmo tempo edificante, possibilita (re) construções, media conhecimentos e traz reflexões essenciais à nossa formação pessoal, profissional e humana.

Por fim, esta foi à parte mais dolorosa da escrita, pois muitas das palavras aqui colocadas foram regadas a lágrimas de felicidade, de nostalgia, de saudade e da mais pura gratidão. Como nasci e cresci literalmente na roça, o contato com a natureza sempre foi algo prazeroso e constante, talvez venha daí minha paixão pela Educação do Campo. Não foi fácil chegar até aqui, contudo, sinto-me agraciada; os entraves me tornaram resistentes e a intenção é prosseguir caminhando. Não tenho a pretensão de abarrotar currículo, quero ser uma pessoa e profissional cada vez mais empática. Humana que sou, acredito que no processo de aprendizagem posso encontrar caminhos para mediar o conhecimento, criando conexões, pontes e até ir inspirando outras pessoas.

O ato de ouvir exige humildade de quem ouve. E a humildade está nisso: saber, não com a cabeça, mas com o coração, que é possível que o outro veja mundos que nós não vemos (RUBEM ALVES).

RESUMO

A pesquisa aqui apresentada buscou trazer um estudo acerca da chegada da energia elétrica na comunidade do Cabeça, localizada na Serra, município de Itiúba, cidade que faz parte do Território sisaleiro e fica situada ao Norte da Bahia no semiárido nordestino. O objetivo norteador deste trabalho está centrado em uma análise sobre como a chegada da energia elétrica incidiu na cultura, nos modos de educação, nas relações sociais da comunidade e por fim, na criação de um produto final. De cunho qualitativo, a pesquisa segue a lógica exploratória com viés do estudo de caso e para a coleta dos dados foram realizadas entrevistas semiestruturadas com quatro moradores da comunidade. Ouvir os indivíduos envolvidos no processo de pesquisa foi indispensável, a partir da perspectiva de alinhamento entre a construção teórica e o todo do trabalho, assim como as questões descritas e os relatos das pessoas envolvidas tanto como agentes de mudanças quanto como protagonistas. Diante do estudo é válido salientar que a comunidade sofreu alteridade pela chegada da energia elétrica, esse advento tornou-se uma conquista das quais, um dos participantes da pesquisa, supunha impossível de acontecer, contudo, para essa ocorrência foi necessária muita disposição e força física. No texto, além da descrição de como a energia elétrica chegou ao Cabeça, os relatos também trazem possíveis reflexões acerca da importância da educação escolar e de melhorar o acesso a comunidade, a obtenção de uma escola física próxima ou na própria comunidade seria o ideal. E, a partir do objetivo da criação de um produto final, foi construído um *site*, estruturado e pensado de maneira que os moradores da comunidade se reconheçam através dos elementos que o compõe, assim também para o público no geral que tiver interesse em conhecer o trabalho, a comunidade e quiser deixar sugestões, entre outras possibilidades. Esta pesquisa foi uma construção coletiva entre pesquisador, todos os sujeitos envolvidos, também um contributo para a academia e uma devolutiva social, em específico à comunidade.

Palavras-Chave: Identidade Cultural. Educação Escolar. Práticas Socioculturais.

ABSTRACT

The proposal presented here sought to bring a study about the arrival of electricity in the Community of Head, located in Serra, municipality of Itiúba, a city that is part of the Sisaleiro Territory and is located in the North of Bahia in the semi-arid northeast. The goal of this work is centered on an analysis of how the arrival of electricity focused on culture, modes of education, community social relations and finally, the creation of a final product. Qualitatively, the research follows the exploratory logic with bias of the case study and for data collection semi-structured interviews were conducted with four community residents. Listening to the individuals involved in the research process was indispensable, from the perspective of alignment between the theoretical construction and the whole of the work, as well as the questions described and the reports of the people involved both as agents of change and as protagonists. Before the study.

Keywords: Cultural Identity. Globalization. Sociocultural Practices.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: <i>Layout</i> para computador	79
Figura 2: <i>Layout</i> para aparelho móvel	79
Figura 3: <i>Layout</i> para aparelho móvel	79
Figura 4: <i>Layout</i> para aparelho móvel	79

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANEEL – Agência Nacional de Energia Elétrica

CEP – Conselho de Ética e Pesquisa

EJA – Educação de Jovens e Adultos

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDH – Índice de Desenvolvimento Humano

MEC – Ministério da Educação

PIB – Produto Interno Bruto

PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

PPGExR – Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural

PROCERA – Programa de Crédito Rural para a Reforma Agrária

UTC – Tempo Universal Coordenado

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
TÍTULO 1	
2 HÁBITOS E ELEMENTOS CULTURAIS DE UMA COMUNIDADE QUE ABOSORVEU TRANSFORMAÇÕES COM INTERVENÇÕES POLÍTICO-SOCIAIS	23
2.1	23
2.2	25
2.3 Caracterizando o Período Contemporâneo	26
2.4 O Capitalismo e a Crise de Identidade Cultural	27
2.4.1 Identidade Cultural, Globalização e Popularização da Tecnologia	28
TÍTULO 2	
3 A RELEVÂNCIA DA EDUCAÇÃO ESCOLAR E AS PRÁTICAS SOCIOCULTURAIS COMO CONSTRUÇÃO SOCIAL DO CONHECIMENTO	35
3.1 A Gênese da Educação	35
3.2 A Origem da Educação Escolar	35
3.3 A Educação Escolar no Processo de Segregação Política e Econômica	38
3.4 Tecendo um pouco sobre as Impressões da Educação Freiriana	40
3.5 O Atual Contexto da em que a Educação está Submersa	43
TÍTULO 3	
4 MATERIAL E MÉTODOS	48
4.1 Entrevista Semiestruturada	49
4.2 <i>Lócus</i>	50
4.2.1 A Caracterização de Itiúba	51
4.2.2 Educação e Economia	52
4.2.3 História	53
4.2.4 Cultura	54
4.3 Público Alvo	59
4.4 Análise de Dados	59
4.5 Confecção de Produto Final	60
TÍTULO 4	
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO	61
5.1 A Organização dos Resultados	61

5.2 Avaliação dos Resultados	61
5.3 A Chegada da Energia na Serra	61
5.4 O que a Energia Proporcionou aos Moradores do Cabeça	62
5.5 Como a Energia Chegou à Comunidade do Cabeça	65
5.6 Benefícios da Energia Elétrica e as Carências da Comunidade do Cabeça	67
5.7 Vivendo na Serra, no Cabeça	74
5.8 Apresentando o Produto Final	79
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	81
6.1 Recomendações	82
REFERÊNCIAS	84
APÊNDICE A	89
ANEXO A	90
ANEXO B	94
ANEXO C	97
ANEXO D	99

1 INTRODUÇÃO

Desde que os seres humanos aprenderam a viver em grupo estão sempre buscando produzir conhecimentos capazes de solucionar problemas enfrentados no seu cotidiano e melhorar suas condições de vida. O conhecimento que se tem produzido passa de geração a geração contribuindo para o desenvolvimento da sociedade e, estas habilidades fazem parte da cultura humana, uma prática educacional da qual ninguém escapa. “Dentre todas as práticas culturais da vida humana e da experiência de sociedades como a nossa, dificilmente alguma outra será tão indispensável quanto à educação.” (BRANDÃO, 2002. p. 187).

Nas comunidades primitivas não existia a instituição escola, as crianças aprendiam acompanhando os adultos, desta forma os mais novos aprendiam observando os mais velhos. “A educação na comunidade primitiva era uma função espontânea da sociedade em conjunto, da mesma forma que a linguagem e a moral” (PONCE, 1991, p. 17). Os conhecimentos das comunidades envolvem, portanto, ações pedagógicas interpessoais, que se compreendem a um leque de profissionais com aplicação peculiar entre o fazer, ensinar, aprender, vigiar, estabelecer, recriar, cuidar, etc., uma troca constante que simboliza as relações cotidianas em que todos os que convivem aprendem. O saber é intransferível, torna cada um especial e apto para descrever o exercício vivo da convivência.

Reconhecer as diversas manifestações culturais, os fatos históricos ocorridos no passado é trazer para a era contemporânea, a memória, os feitos de nossos ancestrais, para que dessa forma, possamos entender a necessidade de preservar nosso patrimônio cultural. Segundo Le Goff, (1994, p. 423), a memória analisada pela perspectiva de conservar informações pode ter como princípio “(...) um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”. É importante conhecer a história das comunidades, seus costumes e sua cultura, a fim de preservar a biografia cultural, por quanto, fazemos parte das diversidades existentes e, é a partir da singularidade de cada um que formamos essa brasilidade miscigenada com identidade cultural específica.

A cultura é constituída dos diversos processos de desenvolvimento e de aprendizagem, é tudo o que diferencia e classifica um povo. Pode-se dizer que a cultura é o que dá o tom, a cor a uma determinada sociedade e abrange o modo de

vida das pessoas. É por meio dela que as pessoas se constituem enquanto membro do grupo, através da formação de sua identidade cultural, possibilitando a convivência e sua permanência nesse grupo. Sobre isso, nos parâmetros curriculares nacionais, afirmam que:

O ser humano, desde suas origens, produziu cultura. Sua história é uma história de cultura, na medida em que tudo o que faz está inserido num contexto cultural, produzindo e reproduzindo cultura. O conceito de cultura é aqui entendido como produto da sociedade, da coletividade à qual os indivíduos pertencem, antecedendo-os e transcendendo-os (BRASIL, 1997, p. 23).

As tradições culturais são umas das principais marcas perpetuadas na história de um povo. Portanto, vê-se uma imensa necessidade de preservar alguns dos nossos traços culturais para que as novas gerações possam reconhecer-se dentro da sua origem, dos seus costumes, em suma, possibilitando um maior contato com a cultura dos seus ancestrais. A simbologia, visualizada a partir das manifestações culturais influenciam diretamente nas formas de sobrevivência e desenvolvimento, processo marcado possivelmente por uma rica tradição de grande significado para a comunidade. É interessante ressaltar que nascemos num contexto cultural, plural e precisamos unir as tradições, as origens, valorizando assim o que existe a nossa volta, em nossa região, dentro da nossa comunidade.

As comunidades são espaços onde há um conjunto de pessoas com interesses em comum, viabilizando o bem-estar de todos. Quando se fala em comunidade remete-se principalmente aos ideais de um determinado grupo territorializado geograficamente por laços de comunhão, solidariedade, vizinhança, laços familiares conceituados cientificamente como linhas imaginárias que são caracterizadas ideologicamente, como fundamentais para a sobrevivência e organização das comunidades.

Esses aspectos dão sentido ao elo de confiança que possibilita o desenvolvimento de seus membros, abarcando um maior número de pessoas em cópula de civilização, pessoas que participam da mesma cultura, têm os mesmos costumes, manifestações culturais, crenças. Nesse sentido, as associações, as igrejas são exemplos bem visíveis de comunidades, por possuírem os mesmos projetos e partilharem ideais semelhantes. Dessa forma, percebe-se na formação das comunidades a presença de elementos básicos como a necessidade de uma base territorial.

São imprescindíveis na formação desses ambientes socioespaciais os vínculos pelo sentimento de solidariedade, a troca de convivências entre seus membros como os mutirões e as tradições, comungando assim também as atividades religiosas (SABOURIN, 2009).

Observa-se que os ideais de comunidade não são obstantes, possivelmente condizem exatamente com o modo de vida encontrado na comunidade do “Cabeça”. As informações, as relações familiares, as ideologias, são compatíveis com o discurso de lutas e ideais que favoreçam a coletividade, embora os traços culturais que antecedem a chegada da energia elétrica no local demonstrem um modo peculiar, bastante próximo do primitivo. A princípio é válido ressaltar que as características culturais, sociais e históricas são comuns dentro de uma comunidade, diante dessa perspectiva é importante ressaltar uma necessidade de cogitação em auxiliar essas pessoas no seu desenvolvimento (SABOURIN, 2009).

A cultura é uma propriedade fundamental para existência de um povo, mecanismo facilitador da aproximação entre o emissor e o receptor numa conversa, pesquisa ou descoberta sobre a origem, os modos e sobre a vida de um determinado povo.

O principal Lócus de investigação da presente pesquisa foi a comunidade do Cabeça, pertencente a Serra, município de Itiúba, cidade que fica localizada ao Norte da Bahia, na região sisaleira. A escolha pelo referido local ocorreu inicialmente a partir da curiosidade de conhecer melhor a comunidade e saber como a energia elétrica incidiu na sua cultura, uma vez que lá nessa localidade não havia energia elétrica, ela chegou no mês de junho do ano de 2017. Além disso, também sou oriunda de uma das comunidades que compõem a Serra, porém só tive a oportunidade de ir ao Cabeça duas vezes, anteriores a realização desse trabalho, pois a distância entre as comunidades demandava algumas horas de caminhada. Então, o nosso ponto de interação era sempre à escola que fica localizada na comunidade do São Bento, entre as nossas comunidades, a qual nos servia também de igreja, local para reuniões importantes, encontro do grupo de jovens, catequese e era nosso lazer aos finais de semana.

A escolha do tema em questão se justifica, sobretudo, pelas seguintes razões: a princípio por ser oriunda de uma escola multisseriada, sempre ter benquerença pela Serra e pela comunidade da minha gênese. Durante a graduação todas as atividades acadêmicas que eram possíveis de ser realizadas lá nesse município

durante o período da graduação, foram efetivadas.

Por conseguinte, este trabalho além de ser a continuação de uma trajetória é um anseio em processo de concretude. É uma forma de voltar lá na Serra, nas comunidades e tentar transformar a realidade daquelas pessoas que até hoje veem na educação uma forma de progresso, falamos da educação porque ela acontece de inúmeras maneiras e nas comunidades da Serra a sua vivacidade é perceptível a partir do momento que se observa os hábitos que giram em torno da colaboração, do respeito à natureza, da busca, de um ensino e aprendizado implícito e informal, apesar dos julgamentos de que só há educação nos espaços formais e só tem conhecimento quem é letrado, mas ele pode ser (re) constituído de elementos que compõem as vivências e delas podemos extrair significados ou não.

Finalmente, porque essa é uma oportunidade para uma reflexão acerca da importância do conhecimento empírico e científico, pois se sabe que é por meio de uma investigação e problemáticas em relação aos saberes, ao conhecimento e às formas de conduzi-los e produzi-los, que se torna mais do que iminente o momento de repensar seus usos, regras e técnicas para alavancar uma pesquisa.

Dessa forma, sempre tive muito apreço pela Serra como um todo. Seus acidentes geográficos, planícies, planaltos, as pedras, a vegetação nativa, frutífera e outras espécies, os lençóis freáticos, as cercas de pedras feitas pelo homem para a separação do espaço, os modos de vida, todos esses aspectos chamavam minha atenção desde criança, visto que as pessoas dessa localidade utilizam bem os recursos naturais, embora, necessitem de orientação para aprimorar essa prática. Elas só vão à cidade ou ao povoado no caso de necessidades básicas ou capitalizar alguns utensílios domésticos e comestíveis que na comunidade não podem ser extraídos da natureza com facilidade, pois necessitam de aparatos industriais bem aprimorados. Além disso, os animais são utilizados para os transportes de coisas e pessoas, já que o acesso a algumas comunidades, incluindo o Cabeça, é restrito a outros meios de transportes por conta dos acidentes geográficos. Esse local tem despertado o interesse de artistas que tem retratado a beleza do lugar através de poesias como a que se segue:

Os burrinhos da Serra

Quando a manhã
bela e fria se revela,
junta-se à alegria

dos burrinhos da Vila
 Eles estão felizes,
 apesar das cargas
 Eles estão contentes,
 vão descer a Serra
 Seguem em fila,
 uns levam verduras,
 outros levam frutas,
 farinha, feijão
 abastecem a feira
 daquela cidade,
 toda a produção
 é da região

De noitinha voltam,
 cruzam a Rua do Fato,
 perdem-se no cansaço,
 na escuridão
 Agora na Serra
 uma estrela brilha,
 os burrinhos dormem
 para outras lidas.¹

Esse poema trata da vinda das pessoas às feiras de Itiúba, no sábado, aquelas que ainda utilizam seus animais, jegues, burros ou cavalos, o que, atualmente, apesar de ter diminuído, ainda acontece sempre, embora, agora os animais disputam o espaço da estrada com as motocicletas, os carros e os seus condutores. Portanto, o poeta reflete, com “saudosismo e nostalgia”, sobre um momento, que ainda é vivido na íntegra, bem como nos mostra a dinâmica se operando no processo de mudança.

Podem ser destacados também fragmentos de mais um poema de Joel Porto, na qual a reflexão se volta para a necessidade de as pessoas se acostumarem com as transformações e, por outro lado, há uma crítica “indireta” quanto ao padrão mecanicista em que a tecnologia impõe às pessoas e ele retrata em “Um mundo em expansão”:

Apresse,
 apresse os passos,
 que a tecnologia
 vai imprimindo o rojão
 Seus séculos... seus séculos
 são mágicos,
 faz de um pequeno traço
 um mundo em expansão

¹<http://www.filarmonica4dejaneiro.blogspot.com.br/> Os burrinhos da Serra: Autor Joel Porto. Consulta feita no dia 22/02/2020.

Vibra freneticamente no rádio, no fax,
no telefone, na internet em imediata ação,
na cor do computador... na voz e nos vestes da televisão

Visga no bojo das ciências,
no espaço cibernético,
na fibra ótica, no quantum,
no motor, no mais simples elevador

Palpita no carro que passa,
na bicicleta, na moto, no trem,
no navio, no avião, no metrô

.....
Portanto,
apresse,
apresse os passos,
que a tecnologia
vai imprimindo o rojão
Seus séculos... seus séculos
são mágicos,

faz de um pequeno traço
um mundo em expansão.²

Fazendo-se uma reflexão maior, é evidente que há uma dialética em ação, uma transformação que ocorre, continuamente, em todos os processos da vida, sobretudo no cultural, isso não quer dizer que se deva descartar “as raízes”, ou seja, aquilo que mais identifica um povo. É evidente que junto a outras culturas é perfeitamente possível a manutenção de uma convivência, atentando-se, por sua vez, para a preservação dessas raízes. Nesse contexto, vale um destaque da brilhante afirmação de Pedroso (1999, p. 33):

Quem não vive as próprias raízes não tem sentido de vida. O futuro nasce do passado, que não deve ser cultuado como mera recordação e sim ser usado para o crescimento no presente, em direção ao futuro. Nós não precisamos ser conservadores, nem devemos estar presos ao passado. Mas precisamos ser legítimos e só as raízes nos dão legitimidade.

Assim, mesmo em frente à realidade que se apresenta, não se pode deixar de apontar a existência da decadência que paulatinamente vai se instalando na sociedade, sobretudo a itiubense. Com referência a essa questão, Egnaldo Paixão

²² <http://www.filarmonica4dejaneiro.blogspot.com.br/> Um mundo em expansão – Autor: Joel Porto. Consulta feita no dia 24/02/2020.

Souza, mais uma vez, afirma que dos anos 60 para cá, começou a mudança vertiginosa dos valores sociais. Uma verdadeira revolução nas manifestações culturais populares. O belo cedeu lugar ao feio. O barulho tomou o lugar da música do espírito e do coração. Para que desenvolver cultura, teatro, criação artística, se os “enlatados” aí estão, como produtos ruins para serem consumidos? Na década de 70, artistas primorosos com Luiz Gonzaga, Pixinguinha, Carlos Galhardo, Sílvio Caldas ficaram desempregados. Grande parte das filarmônicas e orquestras instrumentais brasileiras pararam suas atividades, por falta de espaço. As Rádios deixaram de divulgar os seus trabalhos, os bailes não lhes queriam mais, nem de graça. As guitarras inglesas mudaram o mundo. A decadência tocou a humanidade, em grande parte do mundo. Entretanto, importante se faz salientar, por outro lado, sobre a tecnologia que os aspectos positivos, com certeza, também devem ser considerados.

Partindo desses pressupostos, sempre tive o anseio de pesquisar sobre este município, algo que foi tomando forma durante o percurso acadêmico, onde desde o primeiro semestre da graduação até o último, a grande maioria dos trabalhos fora voltados para essa localidade, incluindo o estágio, o qual foi realizado na escola da comunidade do São Bento que atendia o público das comunidades circunvizinhas, dentre elas a do Cabeça.

Dessa forma, ainda que a comunidade pesquisada faça parte da composição da Serra, ela tem suas peculiaridades e eu enquanto descendente desse município e por ter interesse em desvelar as vivências da comunidade através de um trabalho acadêmico, o qual servirá de registro para que um dia as crianças da comunidade possam ter acesso, e possibilite reflexões a cerca da importância de sua identidade e do pertencimento, salientando que a nomenclatura “pertencimento” aqui faz referência ao indivíduo que reside determinado espaço, faz parte dos costumes, vivencia as propostas educativas, dialoga e partilha práticas análogas a dos demais moradores desse município e está na dialética de licitude.

Logo, este estudo aconteceu através do contato direto com a comunidade do Cabeça, a qual foi contemplada com a energia elétrica em junho de 2017. Porquanto, provavelmente essa relação facilitou a nossa compreensão sobre: Quais os efeitos da chegada da energia elétrica nos modos de vida da comunidade do Cabeça, Serra de Itiúba-Bahia?

É válido ressaltar que se faz necessário manter vivas as memórias desse

povo peculiar que precisa conduzir seus conhecimentos culturais de geração a geração, conservando seus costumes e tradições e tudo isso associado ao desenvolvimento local que se torna bastante significativo para o homem do campo.

Nessa tarefa, acentua-se a importância das pessoas mais idosas da comunidade, considerando que elas podem ser 'poços' de saberes empíricos e tiveram muita significância na colaboração do nosso trabalho. Dessa forma, juntos construímos conhecimentos dos mais diversos e significativos no exercício de sustentabilidade já incrementado no modo de vida da comunidade como uma forma de preservação do *habitat* e no entorno do desenvolvimento desse espaço, onde se considera a chegada da energia elétrica um avanço, sobre o qual essa pesquisa pretendeu estudar e versar a respeito dos seus efeitos na cultura desses sujeitos constituídos no campo.

Para tanto o objetivo principal proposto por este Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural em nível de mestrado profissional é a criação de um produto final que seja palpável e acessível aos sujeitos pesquisados. Desse modo, para que possamos corresponder ao estímulo que nos é oferecido no momento de pensar sobre a concretização daquele que fora o fruto deste trabalho, necessário se fizera, analisar como a chegada da energia elétrica incidiu na cultura, nos modos de educação, na produção econômica e nas relações sociais da comunidade do Cabeça, Serra de Itiúba-Bahia. Partindo desses pressupostos nos propomos a: destacar e descrever os hábitos e os elementos culturais, até que ponto foram alterados pela chegada da energia elétrica na comunidade; refletir sobre a importância da educação escolar e as práticas socioculturais como estratégias de construção social do conhecimento.

O processo da construção coletiva, dialógica e articulada com conhecimentos tradicionais, culturais e sócio-técnico-científico é imprescindível para que seja admissível impulsionar uma mudança substancial nessa comunidade abarcando todas as outras que anteriormente passaram pelo processo inclusão no sentido tecnológico, portanto, (re) construir ações sociais em conjunto, numa perspectiva que garanta sustentabilidade socioambiental e econômica, preserve a identidade cultural da comunidade e a educação escolar como parte essencial da nossa cultura, pois ela estabelece vínculos a todo e qualquer processo de formação.

A caracterização das informações trazidas neste texto requer muita atenção e sensibilidade, tanto por parte dos leitores, quanto por nossa parte, especialmente

porque tentamos descrever de forma que possamos ser claros e concisos naquilo que queremos expor de acordo com as anotações e registros cognitivos. “Aprendizagem cognitiva é aquela em cujo processamento predominam os elementos de natureza intelectual, tais como a percepção, raciocínio, memória etc.” (CAMPOS, 2003, p. 53). Além desses aparatos essenciais, é indispensável que busquemos aporte em alguns teóricos que outrora já pesquisaram com mais afinco a respeito do que estamos elucidando.

Diante do exposto, a presente dissertação foi dividida em capítulos e para uma melhor compreensão, além dessa introdução, a qual apresenta a pesquisa, trazendo os anseios, os objetivos e dissertando sobre a comunidade do Cabeça no intuito de contribuir para outras pesquisas, há outros itens fundamentais para a construção do todo, compondo-se das seguintes partes: no primeiro capítulo são focalizados alguns dos hábitos e elementos culturais de uma comunidade que absorveu transformações com intervenções político-sociais; o segundo que apresenta a relevância da educação escolar e as práticas socioculturais como construção social do conhecimento. No terceiro capítulo, constam os processos metodológicos; no quarto, os resultados da pesquisa e, finalmente, as principais considerações acerca desse estudo.

2 HÁBITOS E ELEMENTOS CULTURAIS DE UMA COMUNIDADE QUE ABSORVEU TRANSFORMAÇÕES COM INTERVENÇÕES POLÍTICO-SOCIAIS

No presente capítulo, antecipadamente ao foco central que são os hábitos e elementos culturais e sua absorção das transformações, precisamos falar das intervenções político-sociais, entendendo a importância dos direitos estabelecidos em Lei, em especial aos dos moradores do campo que muitas vezes são menos abastados financeiramente, visto que é um desafio para que essas benesses cheguem até os espaços mais remotos como é o caso da comunidade pesquisada.

Para o homem do campo, o acesso à energia elétrica em determinadas regiões demorou de ser efetivado, contudo, sobre a universalização do serviço público de distribuição de energia elétrica, faz-se necessário mencionar que ele se consolidou a partir do Decreto Presidencial criado em 1999 que culminou no *Programa Luz do Campo* instituído pelo artigo 1º, “com o objetivo de promover a melhoria das condições sócio-econômicas das áreas rurais do País (BRASIL, 1999)”.

Nos últimos dez anos, milhões de pessoas no campo puderam sair da escuridão, possivelmente dando um salto significativo na sua qualidade de vida, uma vez que, não se deve abrir mão dos avanços conquistados no âmbito dos direitos e da cidadania.

A universalização do atendimento as classes menos favorecidas, confirma a caracterização dos serviços de energia elétrica como sendo essenciais, direito do consumidor e direito ambiental, que deve ser assegurado às presentes e futuras gerações, a todos, na definição do artigo 225, da Constituição Federal (BRASIL, 2003).

2.1 Breve Explicação sobre o *Programa Luz no Campo*

O Programa Luz no Campo foi criado em 2003 com intuito de erradicar a escuridão, foi aí que se começou a vislumbrar o alcance do homem do campo a energia elétrica e a se pensar na universalização dessa política pública para o campo. Por conseguinte, seu maior predicado foi concentrar o montante de conhecimento capitalizado e evidenciar a vontade política para pôr em prática o que já era pauta de discussão entre os especialistas do tema. No entanto, havia alguns desafios a enfrentar: a grande aversão das concessionárias,

permissionárias e cooperativas de eletrificação do campo, e a cotação da participação financeira despendida ao consumidor, visto que a primeiro momento a gratuidade total desse Programa não foi possível (BRASIL, 2003).

Dadas as circunstâncias, foi montada uma estratégia que consistiu num arranjo financeiro que permitiu a gratuidade desse bem de consumo ao homem do campo. O pacto financeiro estabelecido através dos recursos dos fundos setoriais, da participação dos Estados e Municípios e da contrapartida dos operadores concessionários e permissionários assegurou que a energia chegasse até o interior dos domicílios dos moradores e ao mesmo tempo desempenhando um equilíbrio econômico-financeiro (SAUER; ROSA; D'ARAÚJO, 2003).

Para a concretização dessa política, além do acordado entre as instituições, houve uma transposição de titularidade normativa, ou seja, as cláusulas para implementação do Programa transpuseram para o encargo do Ministério de Minas e Energia. Destarte, durante a permanência do Programa, determinadas normas que foram estabelecidas pela Agência Nacional de Energia Elétrica – ANEEL tiveram sua eficácia suspensa. Nesse sentido, alguns artigos da Resolução nº 456/00, entre eles, o que define o Ponto de Entrega foram cessados (BRASIL, 2003).

É válido ressaltar que o *Programa Luz para Todos*, criado no Brasil instituiu as condições imprescindíveis para colocar em prática um direito constitucional, de cidadania, a todos os moradores do campo desprovidos de condição financeira abastada. Teve uma duração de sete anos consecutivos, neste período, mostrou os caminhos e até o presente momento demonstra ter transformado a vida de mais de onze milhões de pessoas. Perante, essa ressalva é oportuno mencionar a importância das políticas sociais-públicas, levando em consideração a eficácia e alteridade acarretadas por esses programas.

O campo é um lugar aonde também se produz culturas das mais diversas, mesmo diante de suas carências é capaz de lidar com inúmeras adversidades e com o acesso a bens de consumo tem a probabilidade de progredir de forma que diante das transformações que possam surgir no decorrer do processo não alterem a sua identidade cultural, visto que todos os espaços têm sua cultura e nenhum é superior, pois é essa miscigenação que torna a coletividade ímpar, especificamente quando está na busca de melhorias significativas.

2.2 Identidade Cultural

O conceito de identidade cultural tem várias acepções, face à sua riqueza de significados, porém, aqui, dois deles se apresentam como muito elucidativos. O primeiro, segundo Castells (1999, p.22), “entende-se por identidade a fonte de significado e experiência de um povo”. Acompanhando o rastro da multiplicidade dos cientistas sociais, Oliveira (2004, p.139) salienta que identidade cultural equivale a uma espécie de “sentimento de pertencimento”. No primeiro fica evidente que identidade é o conjunto das vivências de um povo, oriundas da interação dos membros da sociedade e da forma de interagir com o mundo. Sendo assim, identidade cultural são as tradições, a cultura, a religião, a música, a culinária, o modo de vestir, de falar, entre outros, que representam os hábitos de uma nação. Já o segundo, destaca a influência cultural e a necessidade de pertencimento, define, dessa forma, como: o sentimento de identidade de um grupo ou cultura, ou de um indivíduo, na medida em que ele é influenciado pela sua pertença a um grupo ou cultura.

De acordo com o antropólogo brasileiro Gilberto Velho (1988, p.), existe duas formas de identidades: “as que são socialmente dadas e outras que são constituídas”. Essa tipologia de Velho é muito relevante, no entanto, não desmerecendo sua trajetória intelectual, seu contributo indubitável para as ciências da cultura, percebe-se que essa conceituação da forma que está alocada pode criar algumas incoerências, ou pelo menos, conflitos. Visto que, há um questionamento acerca da terminologia, pois conforme Castells (1999, p. 23), “do ponto de vista sociológico, toda e qualquer identidade é construída”.

Conforme Hall (1998), Woodward (2000) e Silva (2000) a identidade cultural não é autorreferencial como se ponderava, ela é, pelo antagônico, relacional. Nasce e se expande na relação com o outro. Deve, assim, ser compreendido que essas definições não só abarcam a cultura nos seus mais diversos quadrantes, caracterizando como manifestações que identificam o ser ou o grupo, mas também, de nenhum modo, elas contrariam o pensamento de identidade cultural, postulado por alguns teóricos da pós-modernidade, que não a consideram como algo estático, visto que há de se levar em conta as mais diversas transformações sociais, históricas, culturais, políticas e econômicas. Logo, os dois conceitos apresentados não reprovam as definições mais modernas, reportam-se, desse modo, aos aspectos

“de origem ou de constituição”, centram-se mais nas “raízes” dos vocábulos: identidade e cultura.

2.3 Caracterizando o Período Contemporâneo

Procurando apontar algumas das transformações ocorridas, que contribuíram para a crise de identidade cultural, preciso se faz caracterizar, embora resumidamente, o período contemporâneo.

A contemporaneidade é marcada por várias ocorrências que alteraram os modos de vida, resultando, por sua vez, na configuração de “um novo mundo”. Assim, esse período da história do mundo ocidental, que vai da Revolução Francesa (1789) até os dias atuais, passou por transformações profundas, como a consolidação do regime capitalista, com a inovação de maquinários e técnicas de produção, a disputa das grandes potências por territórios, matérias-primas e mercados consumidores, além do avanço demográfico, da urbanização, da expansão dos ramos da medicina, da indústria, da informática, das recentes tecnologias da informação e telecomunicação, principalmente da Internet e da telefonia celular, além das novas tendências artísticas e culturais, em meio a outros tantos progressos.

Assumimos a hipótese de que, antes de incolor homologação, a fase atual desenvolve uma forte tensão, descentrada e conflitual entre globalização e localização: ou seja, entre processos de unificação cultural – um conjunto serial de fluxos universalizantes – e pressões antropofágicas ‘periféricas’ que descontextualizam, remastigam, regeneram. (CANEVACCI, 1996, p.23)

Nesse sentido, é esse um período caracterizado por acontecimentos diversos e dos mais díspares possíveis, dentre muitos, cabe registrar: as duas grandes guerras mundiais, a existência do nazi-fascismo, do Atentado Terrorista de 11 de Setembro; em outra instância, vale destacar: a chegada do homem à lua, de movimentos em favor da vida e da paz, de superação das desigualdades e violência, tendo à frente personalidades como Gandhi, Nelson Mandela, Madre Teresa de Calcutá, Chico Xavier e outros; bem como marcado por temas, merecedores de atenção, a exemplo da diversidade cultural, do pluralismo de ideias, de crenças, de preocupação com a proteção ambiental e a sustentabilidade, bem como do respeito às diferenças, sejam elas de qualquer espécie.

Dessa forma, se a contemporaneidade significa o período de avanços, significa também – direcionando-se para uma esfera mais específica – um período próprio para atentar aos “desafios e conflitos”, pois não deixam de ser fartamente estimulados, frente a diversos acontecimentos do dia a dia na nossa sociedade, o individualismo, o narcisismo e o hedonismo, em uma sociedade cada vez mais marcada pelo consumismo, onde a ordem é avançar para o descartável, para o “vazio”, para a crise de identidades. A esse respeito, Bauman (2001) faz uso da metáfora da “liquidez” procurando conceber a modernidade, como em movimento. Para ele, a contemporaneidade líquido-moderna não mais aceita modos de vida estáveis, as relações são voláteis, o poder não é mais centralizado e tudo perde consistência. O que o referido autor quer afirmar com isso é que a maioria das pessoas se torna “líquidas”, isto é, mais “volúveis”, presas fáceis dos apelos das mídias, da propaganda, da estimulação ao consumo, de não saberem identificar, quase sempre, os seus grupos de pertencimento, com isso, são levados à crise de identidades, sobretudo cultural. Em meio a outras causas que impulsionam a citada descaracterização, estão às provocadas tanto pelo capitalismo, quanto pela globalização e a popularização das tecnologias, assuntos sobre os quais serão abordados a seguir.

2.4 O capitalismo e a Crise de Identidade Cultural

Uma das crises que atinge os indivíduos é inegavelmente a crise de identidade. Nesse cenário se faz presente o capitalismo, que produz subjetividades, inserindo novas formas de pensar, não só de agir, mas também de ser, fazendo com que os desejos e as ações humanas sejam cada vez mais padronizados.

O capitalismo, pela ação de suas empresas e seus agentes, modeliza as utopias pessoais sob a sua lógica de dominação e lucro, gerando signos que operam como interpretantes dos ícones atuais e potenciais de grande parte dos indivíduos. Ele atua no inconsciente e move o desejo, a angústia e o medo das pessoas; altera a sensibilidade que é modelada sob a lógica do capital, ficando o desejo de alteridade modelizado em função do consumo de produtos e da posse de objetos, resultando em relações coisificadas (MANCINI, 1999, p.21).

Nesse contexto, procurando-se uma melhor abordagem sobre o capitalismo e

a consequente crise de identidade cultural, foram tomadas como enfoques, realidades que têm influência mais direta com o sistema capitalista, a exemplo da globalização, da popularização das tecnologias e a cultura de massa.

2.1.4 Identidade Cultural, Globalização e Popularização da Tecnologia

A princípio, ao se tratar de identidade cultural, sabe-se, conforme já foi citado anteriormente, que ela se relaciona com o sentimento de pertencimento a uma cultura nacional, isto é, aquela cultura da sociedade em que nascemos e que absorvemos no decorrer de nossa vida. Assim, merece ser dito que a identidade não é geneticamente herdada, é ela construída. Para Hall (1998, p. 50): “uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações, quanto a concepção que temos de nós mesmos”. Segundo o mesmo Hall (1998), a identidade sofre modificações conforme o modo como o sujeito é interpretado ou representado. Ele classifica três concepções de sujeito e suas respectivas identidades: O sujeito do iluminismo, baseado na concepção de pessoa humana individualizada, quando o centro do EU correspondia a sua identidade; a concepção sociológica do sujeito, surgida a partir da primeira metade do século XX, cuja identidade é formada por outras pessoas que mediam os valores e os símbolos, ou seja, a cultura e, por fim, o sujeito pautado por mudanças estruturais e institucionais, a identidade do sujeito passa a ser definida historicamente e não biologicamente, tal concepção surgiu a partir da segunda metade do século XX.

Com isso, a identidade cultural é vista como mutável e não fixa. No tocante a essa realidade, Bauman (2001, p. 98) pontua que:

As identidades parecem fixas e sólidas apenas quando vistas de relance, de fora. A eventual solidez que podem ter quando contempladas de dentro da própria experiência biográfica parece frágil, vulnerável e constantemente dilacerada por forças que expõem sua fluidez e por contracorrentes que ameaçam fazê-la em pedaços e desmanchar qualquer forma que possa ter adquirido.

Ao se verificar alguns dos pontos colocados nessa citação, constata-se que há um “descentramento” do sujeito, sobretudo nas sociedades modernas, acompanhando também das identidades. Outro aspecto a ser verificado tem uma relação com a afirmação do citado teórico que afirma “haver forças que expõem sua

fluidez e contracorrentes que ameaçam”, o que passarão a ser esclarecidos, ao se adentrar nos assuntos que se seguem, como a globalização e a popularização das tecnologias.

A globalização, sem dúvida, pode ser vista “como força que se opõe ou contracorrente que ameaça a solidez da identidade cultural”, mas, vale ressaltar, antes do aprofundamento desse assunto, dois aspectos da globalização, tanto o lado vantajoso quanto o não vantajoso, já que a atenção será voltada mais para fatores que contribuem para a crise de identidade, porém, não se deve negar que a globalização tem contribuições que podem ser vistas como benéficas e/ou prejudiciais, o que pode ser comprovado com o postulado seguinte:

Hoje em dia, tudo parece levar no seu seio a própria contradição. Vemos que as máquinas, dotadas da propriedade maravilhosa de reduzir e tornar mais frutífero o trabalho humano, provocam a fome e o esgotamento do trabalhador. As fontes de riqueza recém-descobertas se convertem, por artes de um estranho malefício, em fontes de privações. Os triunfos da arte parecem adquirir ao preço de qualidades morais. O domínio do homem sobre a natureza é cada vez maior; mas, ao mesmo tempo, o homem se transforma em escravo de outros homens ou da sua própria infâmia. Até a pura luz da ciência parece só poder brilhar sobre o fundo tenebroso da ignorância. Todos os nossos inventos e progressos parecem dotar de vida intelectual as forças materiais, enquanto reduzem a vida humana ao nível de uma força bruta. Esse antagonismo entre a indústria moderna e a ciência, de um lado, e a miséria e a decadência, de outro, este antagonismo entre as forças produtivas e as relações sociais da nossa época é um fato palpável, esmagador e incontrovertível (MARX, 1980, p. 514).

Mesmo diante do que está colocado por Marx, são nítidas as inúmeras benesses, trazidas pela globalização desencadeando o progresso em vários setores, como, políticos, sociais econômicos, culturais, científicos e especialmente nas formas de comunicação. Esses avanços constituem-se na dimensão científica e tecnológica na medida em que elas se tornam o centro do processo da globalização, visto que ela acontece em larga escala e essa ação é definida pela formas de tecnologias disponíveis. A evolução do conhecimento científico possibilitou o contato entre os povos e os seus valores, suas ideias e modo de vida. Por um lado a globalização gera uma prosperidade que beneficia a maioria da população mundial, já pelo outro ela acentua ainda mais as desigualdades e a prosperidade se concentra numa minoria de privilegiados.

Destarte, no final do século XX a globalização exacerbada pôs em ratificação abundantes ímpetos de caráter ambiental, especificamente o desmatamento, a

desertificação, a poluição dos oceanos, a redução da biodiversidade, o extermínio da camada de ozônio e as alterações climáticas (HOVE, 2000). De certa forma, o ser humano, ainda desatento a tudo isso, em conexão com outras dimensões e coeso com a globalização, na ótica da fantasia coletiva, tendencia-se pela atração das tecnologias da informação e comunicação contemporâneas, visto que pode ser possível acessá-las em qualquer parte do mundo. Todavia, esse mundo ainda continua misterioso e aterrorizante, de maneira que parece ser complicado para o sujeito localizar o seu lugar correto, refletir e compreender os limites de sua finalidade.

Vivemos num mundo conquistado, desenraizado e transformado pelo titânico processo econômico e tecnocientífico do desenvolvimento do capitalismo, que dominou os dois ou três últimos séculos. Sabemos, ou pelo menos é razoável supor que ele não pode prosseguir ad infinitum. O futuro não pode ser continuação do passado, e há sinais, tanto externamente quanto internamente, de que chegamos a um ponto de crise histórica. (...) Não sabemos para onde estamos indo. Só sabemos que a história nos trouxe até este ponto e (...) porquê. Contudo, uma coisa é clara. Se a humanidade quer ter um futuro reconhecível, não pode ser pelo prolongamento do passado ou do presente. Se tentarmos construir o terceiro milênio nessa base, vamos fracassar. E o preço do fracasso, ou seja, a alternativa para uma mudança da sociedade, é a escuridão (HOBBSAWM, 1995, p. 562).

Diante dessa realidade, será focalizada, de forma sucinta, de que maneira a globalização influencia na identidade cultural do homem pós-moderno ou motiva a crise de identidade. No que tange a essa questão, Bognoux (1999, p. 189) aponta o tipo de globalização que interessa nesse estudo: “A globalização a que nos referimos assume-se como paradigma que engloba o econômico, o ideológico e o cultural e que ameaça partes inteiras dos edifícios culturais e sociais”. Com isso, o fenômeno da globalização propicia o deslocamento de identidades culturais, desintegrando-as, homogeneizando-as, enfim, enfraquecendo-as. No que diz respeito à afirmação anterior, Hall (1998, p. 74) faz a seguinte afirmação: “À medida em que as culturas nacionais tornam-se mais expostas a influências externas, é difícil conservar as identidades culturais intacta sem impedir que elas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento e da infiltração cultural”.

O desequilíbrio crescente entre a informação direta e a informação indireta, fruto do desenvolvimento de diversos meios de comunicação, tende a privilegiar indiscriminadamente toda informação midiaticizada em detrimento da informação dos sentidos, fazendo com que o efeito de real pareça suplantar a realidade

imediate (VIRILIO, 1993, p.18).

Partindo-se desse pressuposto, pode-se inferir que o “global”, muitas vezes, “tira” a importância da cultura “local”. São muitos os teóricos a afirmar que o homem pós-moderno começou a perder as referências de sua identidade cultural ao se inserir no mercado global, perda essa que tem se acentuado à proporção que o indivíduo passa a interagir, a se inserir no mundo globalizado, onde é apenas uma peça na engrenagem. Com isso, a vulnerabilidade da sociedade global pode ser considerada como o problema principal vivenciado, atualmente, quando o homem pós-moderno procura formas de viver em um mundo de mudanças constantes, procurando, nesse mesmo tempo, dar curso a busca da satisfação da sociedade contemporânea. É válido, nesse sentido, destacar o que pontua Hall (1998, p. 7):

As velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno. Assim a chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas, abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social.

Fazendo-se uma reflexão do que foi postulado por esse autor, vale salientar que é evidente a existência tanto “das velhas quanto das novas identidades”, não se pode, no entanto, acreditar que não mais existem “as singularidades ou individualidades” e que elas não devem ser fortalecidas. Essa realidade, de outra forma, não desfigura de modo algum os símbolos, os mitos ou o sentimento de pertencimentos ditados pelas expressões artístico-culturais locais. Edgar Morin (2000) faz uma consideração de que, muito embora o homem pós-moderno seja conduzido a um hibridismo cultural, ele sempre buscará sua identidade no seu regionalismo, uma vez que como o olímpico concebido por esse teórico, verifica-se que o sujeito pós-moderno necessita de reconhecimento, mesmo que seja somente de sua cultura. Cabe considerar também a interferência de Hall (1998, p. 77), ao sustentar que: “... ao invés de pensar no global como substituindo o local, seria mais acurado pensar numa nova articulação entre o global e o local”.

Por conseguinte, procurando fazer uma curta exposição sobre a popularização das tecnologias diante dos processos globalizantes, pode-se afirmar que a globalização, no contexto da aceleração dos avanços econômicos mundiais,

tem impulsionado e muito os avanços tecnológicos que vêm ocorrendo com velocidade surpreendente em nosso século. Os conhecimentos que cada vez mais têm sido desenvolvidos na mecânica, eletrônica, física, química, biologia e outras áreas mais, trazem progressos continuados nos setores da aviação transportes, comunicação e informação, educação, saúde, agricultura e em outros campos. Isso imprime alterações significativas na vida de todos os povos.

Depreende-se, com isso que, juntos, avanço tecnológico e globalização, contribuem para a alteração de estilos de vida, mudanças de padrões de comportamentos e hábitos. Com referência a essa realidade, Miranda (2002, p. 11) apregoa que:

Na modernidade (a partir do séc. XVI), devido a fatores históricos, sociais, culturais, econômicos, políticos, a tecnologia sofre e propicia transformações profundas. E muito além de alterar padrões de comportamento, a tecnologia, a partir da modernidade, contribui para alterar a relação do ser humano com o mundo que o cerca, implicando no estabelecimento de uma outra cosmovisão, diferentemente daquela dos gregos ou dos medievais.

Nesse aspecto, a tecnologia demarca a vida do tempo presente, levando à crença de que utilizar computador, internet, fax, telefone celular, notebook, elevador, avião a jato, metrô e tantas outras modernidades tecnológicas, além de uma necessidade, é uma maneira de se estabelecer uma dependência, é não viver fora do utilitário, enfim, que é preciso cada vez mais estreitar os laços de convivência com tais recursos. A popularização da tecnologia, por sua vez, se justifica nesse contexto, pois parte da implicação de que é preciso atender a uma necessidade que é de uma coletividade.

Essa popularização se torna mais visível, ao se observar principalmente que ela se processa no campo das novas tecnologias da comunicação e informação. É constatado que com o computador e a internet e outros tantos inventos, a exemplo do rádio e da televisão, houve uma aproximação de todos os povos do Mundo, facilitando, sobretudo a comunicação, postos de trabalhos e serviços públicos, em meio ao atendimento a diversas formas interativas.

Tal realidade veio revelar aquilo que o filósofo canadense Herbert Marshall McLuhan denominou de “aldeia global”, referindo-se a uma nova visão de mundo e às comunidades conectadas entre si, através de avançadas tecnologias de comunicação e transporte, superando distâncias geográficas e permitindo a

interconexão e interação imediata entre todos os povos, o que não deixa de ser louvável em termos de progresso.

No âmbito desses avanços, cabe também citar a influência da criação do ciberespaço, incorporando-se nessa “aldeia” a aproximação das comunidades virtuais. Nesse sentido, Alves (2002, p. 13) afirma: “Apenas com o surgimento da rede digital e do ciberespaço, na última metade do século XX, é que seria explicitada a centralidade ontológica da virtualização e do virtual como um traço ineliminável da práxis humano-social”; Levy (2000, p. 206) define como: “um novo meio de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores”. Assim, é verificado: à proporção que os supercomputadores dominam gradativamente as redes cibernéticas e os seus usuários, por outro lado, a informatização das redes de comunicação universaliza um modelo tecnológico padronizado e multinacional. Nesse aspecto, mais uma vez Alves (2002, p. 29) pontua que:

A idéia de “rede” como metáfora da cooperação social assumiu uma significação concreta com o desenvolvimento do capitalismo industrial, ou seja, dos meios de transporte e de comunicação a partir da era da máquina. Entretanto, ela ainda não possuía uma objetivação material para si, tendo em vista que não implicava em si, a produção da subjetividade. Era ainda apenas uma rede-de-máquinas. Foi com o surgimento da Internet e das redes telemáticas e informáticas propriamente ditas, que a idéia de “rede” assumiu um arcabouço concreto. Ela passou a representar uma rede de homens-mediados-pelas-máquinas-informáticas.

Frente a tal popularização, que proporcionou a utilização dos mais diversos aparelhos e equipamentos, a exemplo dos celulares ou dos telemóveis, superando de longe a máquina fotográfica, a máquina de filmar, em meio a outros recursos tecnológicos, que só vieram facilitar a vida de todos, é necessário considerar, por outro lado, aspectos não vantajosos que estão implícitos ou explícitos com os avanços, criando um novo modelo social. Verifica-se, por exemplo, que através das novas tecnologias se acentua a alienação do indivíduo:

Neste modelo social, o homem deixa de ser considerado pessoa e passa a ser encarado como máquina devoradora de produtos ou idéias-mercadorias. Não se consideram valores pessoais ou anseios individuais. Por um processo de condicionamento gradual irreversível, vão sendo determinados seus anseios, de acordo com as necessidades do sistema. Sua personalidade se transforma num programa que vai reger seu comportamento no sentido de atender

aos objetivos sociais. Não se trata mais de um indivíduo, mas de uma entidade numérica numa grande engrenagem em que se transformou a nova sociedade (SOARES, 1998, p.67).

Mance (1999, p.43) alerta para a produção de subjetividades através do sistema capitalista:

O capitalismo produz subjetividades, pois ele produz semioses que ordenam as funções de organização da sociedade e da vida dos indivíduos. Ele produz subjetividades, modelizando a subjetividade daquele que deve produzir operando com tecnologias mais complexas.

É nessa direção que, mesmo se considerando as *benesses* oferecidas pelo avanço tecnológico, há, em meio a outros malefícios, a criação de mecanismos que afetam, sobretudo, as identidades, estimulando a crise de identidade cultural, conduzindo ou fortalecendo “as mídias”, colocando o consumismo em alta e conseqüentemente a massificação, quando o sujeito passa a aceitar aquilo que lhe é oferecido como bom ou recomendável pelos grupos dominantes.

3 A RELEVÂNCIA DA EDUCAÇÃO ESCOLAR E AS PRÁTICAS SOCIOCULTURAIS COMO CONSTRUÇÃO SOCIAL DO CONHECIMENTO

Nesse capítulo o estudo que se faz a seguir tem o propósito de percorrer os anfiteatros da magnitude da educação escolar e as práticas socioculturais uma vez que, em sua grande maioria elas têm um elo muito forte na construção social do conhecimento e na formação humana. Para tanto, aqui versamos sobre a gênese da educação; o nascimento da educação escolar; a educação escolar no processo de segregação política e econômica; um pouco sobre as impressões da educação freiriana; e o atual contexto em que a educação está submersa.

3.1 A gênese da Educação

A educação não começa na escola. Ela inicia-se de forma instintiva, algo que já nasce com o indivíduo. Nesse modo de educação não há instrutores nem tampouco instituições destinadas a passar valores no sentido de que o ensino é para e por meio da vida. Este conhecimento adquirido é uma herança cultural que vai se amoldando conforme a convivência entre o grupo familiar e as demais pessoas, sendo com isso entregue ao seu próprio desenvolvimento. Essa observação é afirmada de acordo com Ponce (1991, p. 18) quando diz que desde os tempos primitivos “(...) a criança adquiria a sua primeira educação sem que ninguém a dirigisse expressamente”. Observa-se que quase tudo que é visível pelas crianças é possível de entendimento, imitação e aprendizagem, esta última é que consegue dar forma e esculpir as recriações projetadas pelos sujeitos.

3.2 A Origem da Educação Escolar

Destaca-se que a criança não precisara necessariamente recorrer a uma instituição escolar para desenvolver a aprendizagem, esta, era adquirida de forma natural. O homem primitivo tinha sua própria concepção de mundo. Os ensinamentos eram passados de acordo com a forma de sobrevivência e natureza dos grupos. Esta instrução é modificada no momento em que surgem as separações de classes, onde possivelmente a educação passa a se tornar intencional e deixa de ser homogênea. Com isso a estrutura também fora modificada dando lugar a um

cenário de divisão, que visava apenas o lucro material. As desigualdades socioeconômicas que posteriormente adentraram cada vez mais em todos os espaços, foram absorvidas e se refletem de diferentes formas em todas as camadas da população que vive em mundos distintos ocupando o mesmo espaço (PONCE, 1991).

Quando a sociedade começa a ser dividida em camadas e se opõe diante das classes menos favorecidas, o saber comum também se divide e passa a servir de uso político e econômico. Reforçam-se as diferenças entre os saberes que até então não eram visados como categorias, mas sim atribuídos ao bem comum da comunidade. No espaço onde o saber anterior fizera parte de uma troca de saberes que beneficiara a todos, passa a vigorar outra forma de troca que se constitui em fins lucrativos. “A educação da comunidade de iguais que reproduzia em um momento anterior a igualdade, ou a complementariedade social, por sobre diferenças naturais, começa a reproduzir desigualdades sociais por sobre igualdades naturais (BRANDÃO 2002, p. 34)”.

Eis que surgem novas especialidades sociais, aparecem as formas de conhecimento e instruir, a conhecer. Nesse momento o homem começa a perceber a importância que tem o conhecimento, começa a enxergar o poder de controle que a educação, o saber tem sobre as pessoas. “Assim, aos poucos acontece com a educação o que acontece com todas as outras práticas sociais (a medicina, a religião, o bem-estar, o lazer) sobre as quais um dia surge um interesse político de controle” (BRANDÃO, 2002, p. 33).

A educação escolar incide na formação da personalidade de todos os todos os indivíduos que por ela perpassam. Dessa forma é dever do Estado e direito de todos que as instituições de instituição proporcionem a construção de aprendizagens que vão além dos conteúdos formais, influenciando diretamente os alunos nos modos de pensar, agir e sentir, evidenciando que a aprendizagem não se restringe apenas a sala de aula, ela acontece em todos os momentos no processo educativo.

Contudo, a qualidade das relações vivenciadas e propiciadas na escola depende do trabalho do professor, uma vez que, as diversas demandas relacionadas à educação dos discentes estão imbricadas ao fazer pedagógico, que por sua vez, exige o reconhecimento da dimensão ética na docência.

A escola é o ambiente de materialização de inúmeras atividades propostas em seu currículo. Ela é o espaço onde ocorrem diversas relações decorrentes do

fazer pedagógico e, dela depende a ação interativa entre educador e educando, esse ato se consuma na mediação de conteúdos, nas técnicas, didáticas que devem envolver vários procedimentos atitudinais, conceituais, rotineiros, sendo fundamentais aqueles que consideram os conhecimentos prévios do aluno. Segundo Gadotti (2007, p. 11).

A escola é um lugar bonito, um lugar cheio de vida, seja ela uma escola com todas as condições de trabalho, seja ela uma escola onde falta tudo. Mesmo faltando nela existe o essencial: gente. Professores alunos e alunos, funcionários e diretores. Todos tentando fazer o que lhes parece melhor. Nem sempre eles têm êxito, mas estão sempre tentando. Por isso, precisamos falar mais e melhor de nossas escolas, de nossa educação.

Apesar de a escola, historicamente, ter sempre convivido com desafios diversos, sobretudo, dentre outros, com a precariedade dos espaços educativos, a carência de materiais didático-pedagógicos e recursos tecnológicos, bem como obstáculos que são próprios do setor pedagógico, verifica-se que, todos, em conjunto, têm reflexo na aplicação de práticas metodológicas inovadoras. Nesse sentido, necessário se faz uma abordagem sobre cada um desses aspectos, ainda que de forma breve.

Aos olhos do homem que quisera dominar, o indivíduo que detinha a educação seria superior aos demais, sendo que: “estes especialistas do ensino aos poucos tomam a seu cargo a tarefa de assumir, controlar e recodificar domínios, sistemas, modos e usos do saber e das situações coletivas de distribuição do saber” (BRANDÃO, 2002, p. 33). Desta forma, começam a usá-la como um instrumento de dominação, dividindo o saber comunitário em grupos diferenciados onde poder e saber estivessem do mesmo lado. E o que era uma educação sem interesses, intenções passa a fazer parte da busca insaciável por ascensão ao poder, num cenário de manipulação e exploração beneficiando uns à custa de muitos.

A dominação contribuiu em massa para que o homem fosse acumulando riquezas, o que inevitavelmente separa a sociedade em homens ricos e pobres, projetando por sua vez, classes desiguais. Quanto maior o poder aquisitivo, o grupo social político pertencente, maior o acesso ao conhecimento. Assim, foi-se, hierarquizando o saber numa pirâmide social e econômica que se baseara em outra posterior, benéfica somente para os poderosos, e que sustentara uma divisão interminável com reflexos vivos e intensos na contemporaneidade.

O artigo 2º da LDB esclarece que, inspirada nos princípios da liberdade e nos ideais de solidariedade humana, é finalidade da educação nacional o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. O artigo 1º diz que a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem em várias esferas (família, convivência, trabalho, escola, movimentos sociais e etc.).

A educação voltada para a cidadania e os programas educacionais voltados para esse fim, e para que o homem possa se relacionar entre si se faz necessário a crença na tolerância, a marca do bom senso, da razão e da civilidade e ainda a crença na possibilidade de formar este homem ensinando-o a tolerância e a civilidade dentro do espaço e do tempo na escola. Em nossos tempos, a LDB institui que a escola é um espaço de formação de cidadão, difusão de valores que inspirem cidadania e ética, mas não pressupõe que a escola, local onde esta formação acontece (ao menos parcialmente, como diz a lei), seja um espaço ético, operando por meios éticos que inspirem valores éticos.

3.3 A Educação Escolar no Processo de Segregação Política e Econômica

A educação sofrera intensas transformações. Uma retórica que dividiu a sociedade em dois grupos distintos popularizados por povoão e elite, assim também ficou dividida a situação socioeconômica destas esferas, inclusive o ensino, fazendo com que haja uma separação entre o indivíduo letrado e o iletrado, eclodindo conseqüentemente uma educação específica para cada um desses grupos. Brandão (2002, p. 102) afirma que:

É a partir daí que a educação aparece como *propriedade*, como *sistema* e como escola. O controle sobre o saber se faz em boa medida através do controle sobre *o quê* se ensina e *a quem* se ensina; de modo que, através da educação erudita, da educação de elites ou da educação “oficial”, o saber *oficialmente* transforma-se em um instrumento político de poder. Ele abandona a *communitas* de que fez parte um dia e ingressa na *estrutura* dos aparatos de controle.

Observa-se que a educação passara por uma metamorfose gradativa processo que vem se perpetuando ao longo da história.

Surgem então as escolas, mas como se sabe a Igreja católica foi uma das

instituições precursoras a querer instruir a população, no entanto em suas propostas escolares tinham objetivos diferenciados, destacados pela criação de dois tipos de escolas, uma voltada para a formação de monges e a outra voltada para a formação de indivíduos dóceis, mansos que dessa maneira se tornariam maleáveis as normas da Igreja. Sujeitos fragilizados pela sua própria ignorância e desatentos às imposições que eram feitas. Os ensinamentos transmitidos para os seus submissos eram de cunho religioso, nada que vinculasse a leitura e a escrita, a preocupação estava numa pregação que se perpetuava na hegemonia da Igreja. Percebe-se que a educação deste modo ficou a serviço dos interesses da Igreja e da burguesia participante assídua das decisões e negociações estatais que envolviam lucro (PONCE, 1991).

O surgimento dessas escolas deu origem a outras, no entanto a educação estava longe de ser designada a todos, conforme Ponce (1991, p. 120) “o homem das classes inferiores continuou, portanto, excluído da educação, a tal ponto que um historiador da pedagogia reconheceu “que não se fundou nenhum sistema popular de instrução”.

Dessa forma a educação continuara a ser privilégio de poucos, isto é uma regalia a serviço das classes dominantes. Embora algumas escolas tivessem sido criadas com a finalidade instruir os pobres, isso ficara apenas na teoria, pois na prática isso não aconteceu, uma vez que estes sujeitos eram responsáveis pelos trabalhos braçais e pensava-se que para esse tipo de atividade não carecia de escolaridade. Discorria-se que para dominar pessoas iletradas seria muito mais difícil do que ter controle sobre indivíduos sem letramento.

Diante disso observa-se que nesse contexto a educação se difunde de duas formas uma para as classes subalternas e outra para as classes mais elevadas. A ideia que prevalecia é que estudos de boa qualidade não era coisa para pobres. Perante essa afirmação as crianças filhas de trabalhadores tinham menos instrução que as filhas dos senhores. Enquanto estas últimas devido à condição social dispunham de todo tempo para aplicarem-se aos estudos, as primeiras teriam apenas metade do tempo para esse ofício, pois parte dele destinara-se ao aprendizado de uma profissão. Visualizava-se que “Felizmente, as crianças plebéias necessitam de menos instrução do que as outras, e devem dedicar metade do seu tempo aos trabalhos manuais”. (PONCE, 1989, p. 137).

As discussões discorridas durante esse texto levam a crer que a escola

pública foi criada não com o intuito de ensinar de fato a massa popular e, sim para dar o mínimo de instrução necessária para contribuir no seu desenvolvimento intelectual e preparo para a mão de obra qualificada, desviando-se subitamente da sua verdadeira função. Romanelli (1987, p. 24) destaca que:

A necessidade de manter os desníveis sociais teve, desde então, na educação escolar, um instrumento de reforço das desigualdades. Nesse sentido, a função da escola foi a de ajudar a manter privilégios de classes, apresentando-se ela mesma como uma forma de privilégio, quando se utilizou de mecanismos de seleção escolar e de um conteúdo cultural que não foi capaz de propiciar às diversas camadas sociais sequer uma preparação eficaz para o trabalho.

Fica nítido que com tal pretensão essa educação escolar só reforça as disparidades sociais e desvia o legítimo sentido de seus objetivos (educar, preparar o indivíduo para a mão de obra e para a vida), que deveriam ser priorizados em prol de todos. O interesse maior de instrução salientado nessa composição permaneceria a serviço de uma classe social mais abastada. O ensino destinado às demais camadas sociais só fortificara a ineficácia de uma educação equitativa, depositada na qual a escola estava sendo propagada, porém, não era ativa, ficando apenas no idealismo.

A educação continuou a ser dividida, até que finalmente passa a ser garantida por lei a todos os cidadãos, contudo, isso conduziu a novos problemas, Libâneo (2011, p. 177) aborda que:

Com a democratização do acesso e a não-ampliação dos recursos para o ensino obrigatório, as condições de funcionamento das escolas tornaram-se precárias, caiu a qualidade do ensino uma vez que não se levou em conta que uma população diferente ocupa hoje os bancos das escolas públicas.

Foi assegurado a todos o direito a educação, com isso houve um aumento de alunos estimável no espaço escolar, todavia este recinto não estava preparado para receber tamanha demanda, carecia de reformas e ampliações, tanto no ensino público quanto na melhoria do ambiente.

3.4 Tecendo um pouco sobre as Impressões da Educação Freiriana

A educação é um dos principais pilares de subsistência social, sem ela há a impossibilidade de não haver progresso. Contudo, a educação sempre estará a favor

ou contra os objetivos de alguns, pois numa sociedade dividida em classes a chance de existir uma educação formal igualitária é mínima, quase que inexistente. Dessa forma, é imprescindível que se tenha professores bem preparados, com razão, emoção, sensatez e disposição para enfrentar as intempéries, assim também com um olhar minucioso e especialmente tenha sensibilidade para reconhecer as diversas formas de ensino e aprendizagem e as inúmeras pedagogias que estão em todos os espaços, pois a educação acontece tanto em espaços formais quanto não-formais. Para o professor, mediar (re) conhecimentos é uma tarefa árdua que além desses tantos requisitos, exige paciência, dedicação e profissionalismo. Quanto ao papel do educador, Freire (1992, p. 6) explicita:

Uma das tarefas do educador ou educadora progressista, através da análise política, séria e correta, é desvelar as possibilidades, não importam os obstáculos, para a esperança, sem a qual pouco podemos fazer porque dificilmente lutamos e quando lutamos, enquanto desesperançados ou desesperados, a nossa é uma luta suicida, é um corpo-a-corpo puramente vingativo. O que há, porém, de castigo, de pena, de correção, de punição na luta que fazemos movidos pela esperança, pelo fundamento ético-histórico de seu acerto, faz parte da natureza pedagógica do processo político de que a luta é expressão. Não será equitativo que as injustiças, os abusos, as extorsões, os ganhos ilícitos, os tráficos de influência, o uso do cargo para a satisfação de interesses pessoais, que nada disso, por causa de que, com justa ira, lutamos agora no Brasil, não seja corrigido, como não será carreto que todas e todos os que forem julgados culpados não sejam severamente, mas dentro da lei, punidos.

Históricas lutas vêm sendo retomadas pelos representantes das classes menos favorecidas para melhorar a qualidade do ensino, aumentar a valorização e a qualificação dos educadores, profissionais sobre os quais pesa a responsabilidade maior com o futuro social da nação.

O professor como sujeito responsável por grande parte da formação sociocultural-política-econômica, cognitiva e autônoma deve estar convicto de que construir conhecimentos além dos que estão historicamente acumulados na literatura é uma tarefa complexa, uma vez que a educação não se limita a assimilação de informações. É um processo muito mais rico, que foge do controle daquilo que apenas deveria ser apreendido.

A educação se faz [...] também com assimilação de valores, gostos e preferências, a incorporação de comportamentos, hábitos e posturas, o desenvolvimento de habilidades e aptidões e a adoção de crenças, convicções e expectativas (PARO, 2001, p.38).

Por isso há uma necessidade extrema de conduzir o homem em seu percurso formativo no intuito de contribuir para um convívio respeitoso e pacífico, daí decorre a necessidade de mecanismos que norteiam e regulam a forma dos sujeitos estarem em sociedade.

Portanto, observa-se que sanar os problemas sociais aos quais está submetida à população é um enorme desafio.

Ao refletir sobre questões as quais o ensino e aprendizagem em âmbito escolar estão envolvidos, vale ressaltar que o conhecimento, parte primordial de todo ser humano, é uma das principais formas de oprimir, uma vez que, o homem provido de conhecimento científico muitas vezes por não ter uma consciência crítica acaba contribuindo para a segregação social, oprimindo a outrem. Em suma, essa concepção de educação não tem embasamento na educação que Freire denominou de “Educação Popular”.

Entendendo a educação popular como o esforço de mobilização, organização e capacitação das classes populares; capacitação científica e técnica. Entendo que esse esforço não se esquece, que é preciso *poder*, ou seja, é preciso transformar essa organização do poder burguês que está aí, para que se possa fazer escola de outro jeito. Em uma primeira “definição” eu aprendo desse jeito. A estreita relação entre escola e política (FREIRE, 1989, p. 19).

Por isso a tendência libertadora foi um movimento que emergiu do seio popular, a chamada educação popular que confrontara o autoritarismo, a submissão, a dominação social e política, buscando a superação das desigualdades.

Uma disposição que surgiu no final do regime militar anos 70 e início dos 80, coincidindo com a busca por uma educação crítica em vista do que segundo Freire, um dos principais autores da “Pedagogia Libertadora” geraria uma: “Consciência do outro e de si como ser no mundo, com o mundo e com os outros, sem a qual seria apenas um *ser aí*, um ser no suporte (2000, p. 51)”. Ao homem, é preciso ter consciência da condição de ser e estar no mundo, e a partir daí compreender que o outro também faz parte deste mundo e que sem essa reflexão o homem seria apenas mais um ser comum.

É a condição de humano e racional que torna o seres humanos diferenciados dos outros animais. Freire contribuiu de forma bastante significativa para as transformações na educação, colocando o aluno como parte fundamental do processo de ensino e aprendizagem. Suas práticas tornaram-se bases teóricas para

que a escola repense tanto as formas de ensinar como as de aprender, reconhecendo que o aluno tem um vasto conhecimento de acordo com as suas vivências, embora não seja sistematizado. Partindo desse pressuposto, é interessante que se faça uma diagnose e a partir dessa, os professores planejem suas aulas pautadas nos temas geradores que podem ser consolidados a partir de observações realizadas no contexto como um todo.

Viver a abertura respeitosa aos outros e, de quando em vez, de acordo com o momento, tomar a própria prática de abertura ao outro como objeto de reflexão crítica deveria fazer parte da aventura docente. A razão ética da abertura, seu fundamento político, sua referência pedagógica; a boniteza que há nela como viabilidade do diálogo (FREIRE, 1998, p.153).

Os alunos são fundamentais para esse processo de ensino, uma vez que, essas proposições devem partir da realidade e a tomada de consciência que esses seres têm do mundo. Elucidação de grande valia para a construção da criticidade humana.

É importante ressaltar que esse movimento de educação popular não chegou a adentrar nos espaços escolares privados, ficando apenas nas escolas e universidades públicas, pois as características desse movimento vão ao encontro das classes menos abastadas.

3.5 O Atual Contexto em que a Educação está Submersa

A realidade do processo de desenvolvimento humano e educacional no Brasil nos dias atuais é antagônica comparada aos grandes avanços tecnológicos, essa justificativa é perceptível ao observar que a possibilidade de estar havendo um retrocesso, sobre o qual envolvem questões de ordem relacionada às diferenças culturais, sociais, étnicas, morais e até ideológicas, uma vez que essas demandas vêm se tornando pautas relevantes em diversos debates, incluindo àqueles que outrora vêm sendo consolidados na busca de equidade, através do (re) conhecimento e implementação dos direitos.

A escola tem enfrentado o problema de como educar para o respeito às diferenças, para o respeito a todos os seres humanos e especialmente para tentar combater a violência, essa é uma das principais questões, contudo, no último ano do século XX, quando se trata de escola pública, pode-se mencionar que houve uma

quebra na relação entre a escola e os alunos, uma vez que por virtude do surgimento de uma pandemia do CORONAVÍRUS que acometera todo o planeta com uma doença denominada COVID-19 de sintomas semelhantes ao vírus gripal, embora, a depender do organismo que se instalara, tornara-se letal. Diante deste cenário pandêmico, todos os serviços não essenciais foram suspensos e com eles a educação formal presencial, todo mundo precisara aprender a se distanciar o máximo possível, ficar recolhidos em seus lares, pois o vírus tem um alto grau de contágio e pode ser transmitido até mesmo pelo ar.

Dessa forma, a necessidade de uma tomada de consciência sobre proteger a si e a outrem fora indispensável e pensar o ensino e a aprendizagem dentro desse panorama que pode ser chamado de catastrófico tornou-se um desafio que levou ao ensino remoto (plataformas digitais e os principais e mais acessíveis meios de comunicação) através de *softwares* pensados para o ensino à distância que podem também ser utilizados nos aparelhos móveis. O Ministério da Educação em aquiescência com as orientações da UNESCO elaborou um parecer reconhecendo os problemas causados pela pandemia, que trouxera a reorganização da carga horária e o consentimento para que as aulas remotas pudessem acontecer, entre outras medidas já alinhadas pela UNESCO. (BRASIL, 2020)

Além disso, esse novo formato veio trazendo assim outra vertente que é o ensino híbrido e desencadeou dentro da escola pública uma série de problemáticas, como por exemplo, o acesso dos alunos a esse novo formato de ensino, visto que a educação pública em sua grande maioria é permeada por uma diversidade de estudantes de baixa renda e muitos nem se quem tem sinal de *internet* outros não dispõem de aparelhos móveis, alguns o dispositivo não suporta o formato dos arquivos dispostos, um entrave para os professores e alunos mais empobrecidos que moram nas favelas das grandes metrópoles ou que se localizam no campo (SANTOS, 2020).

Nesse sentido é válido, ainda, ressaltar que há outros obstáculos graves como a situação dos professores que também tiveram que repensar a metodologia, aparelhar suas casas, conciliar seus afazeres com a escola invadindo seu espaço pessoal, alargarem sua disponibilidade e o principal, aprender a lidar com a tecnologia.

É iminente a necessidade de (re) pensar o futuro da educação estabelecendo uma articulação apropriada entre o Ensino à Distância e o presencial no âmbito

(UNESCO, 2020).

É imprescindível analisar que, a duração distendida do Isolamento, a falta de convívio pessoal com os colegas de classe, o temor de ser infectado, a escassez de espaço em casa pode surtir no estudante de maneira negativa torná-lo menos enérgico física e emocionalmente do que se estivesse na escola, sem contar que a falta de alimentação para os alunos menos abastados são coeficientes que podem atingir a saúde mental de boa parte dos estudantes e das suas famílias. Sendo assim, faz-se necessário aguçar a reciprocidade de bons hábitos e sentimentos, a resistência e a sequência das interações sociais entre educadores e educandos, especialmente nesse momento, pois auxilia na minimização do ímpeto psicológico impresumível da pandemia nos estudantes. Nesse momento é fundamental precaver e amortizar os graus elevados de ansiedade, de depressão e de estresse que o enclausuramento provoca nos estudantes em quarentena, visto que não se pode esquecer que saúde física e saúde mental estão anexas (MAIA & DIAS, 2020).

Perante todas essas questões explanadas, ainda cabe dizer que a situação torna-se cada vez mais crítica, já que não houve um suporte do Estado, criação de políticas sociais para os professores e alunos. Entrou-se no século XXI, a situação pandêmica segue ditando suas regras, não obstante, o verbo esperar de esperança nos faz crer na pesquisa e na ciência para a elaboração de um imunizante, possivelmente estaríamos a anos luz de mais avanços de em todos os setores se houvesse investimento nessa educação gratuita, pois é dela que partem os mais diversos profissionais.

Partindo do pressuposto de que o histórico educativo no país sempre foi permeado de lacunas, é possível que se esteja vivenciando um dos momentos mais caóticos, visto que a educação faz parte do progresso social-histórico-econômico e político vigente. Nesse sentido, de acordo com a teoria vigotskyana o contexto social influencia na aprendizagem e desenvolvimento, assim pode-se compreender que o homem vem (re) produzindo conhecimentos dos mais diversos para suprir suas necessidades, como por exemplo, a tecnologia, que vem revolucionando tanto as formas de comunicação, o acesso as informações, quanto ao combate de doenças que em alguns momentos pensou-se não haver cura. Contudo, embora haja efervescência tecnológica, a probabilidade do declínio dos valores éticos e morais é imensa e isso também parte do contexto sociocultural e político, dando a entender que fazemos parte de uma conjuntura sem estrutura psicológica e/ou moral (SOUZA,

2011). A grande maioria das pessoas parece estar adoecida. É o dilema dos humanos que desconhecem, possivelmente perderam ou não evidenciam humanidade.

Sendo assim, pode-se perceber que a sociedade de maneira geral, em sua grande maioria, perdeu o sentido de coletividade, as pessoas parecem estar vivendo em bolhas sociais, ignoram a outrem. Desse modo, o mal do século XX e pode ser considerado como provavelmente a falta de empatia e está em continuação nesse início de século XXI, onde impera o egoísmo, o ter vem se sobrepondo ao ser. Por conseguinte, ainda temos aqueles casos de algumas famílias que projetam seus desejos nos filhos, outras tentam suprir a ausência física com bens materiais, soluções que muitas vezes têm consequências drásticas, pois esses indivíduos podem vir a sofrer transtornos pelo excesso e ou deficiência de algo. Assim, a falta de interação entre as pessoas também pode acarretar no isolamento social não só em virtude do cenário pandêmico que o mundo está vivenciando neste momento, mas também decorrente do uso abusivo das mídias sociais ao ponto do mundo virtual se misturar ao real e se tornarem indissociáveis.

O viés ideológico contemporâneo está direcionado para indagações que transgride o outro, posto que o homem esteja sendo conivente com a deturpação dos poucos direitos que foram conquistados com inúmeras lutas e muito sangue derramado, tudo a troco de um poderio que sustenta a ideia que há seres humanos e religiões superiores, os ditos enviados do Cristo, que por esses, todo o resto será dominado. E quem não se enquadra nos padrões majoritariamente impostos tende a ser esmagado. Conforme diz Michel Lacroix (2006, p.11 apud NOGUEIRA, 2013, s.p.) em *O oculto da emoção*: “Emocionamo-nos muito, mas já não sabemos realmente sentir”. Além disso, as questões étnico-raciais, intolerância religiosa e homofobia estão se tornando cada vez mais um entrave social, visto que o pré-conceito com indivíduos que descendem ou provém de alguns desses grupos é alarmante e necessita de leis mais eficazes, já que o simples ato de respeitar o outro não é possível.

Enfim, urge a necessidade do ser humano de rever o que está acontecendo dentro do seu contexto social e tentar aprimorar seus valores e princípios para que eles possam caminhar paralelamente ao desenvolvimento tecnológico, levando em consideração que a sociedade como um todo é diversificada, miscigenada e há espaço para todos “se não tivermos consciência de nós mesmos seremos impelidos

pelo instinto, ou pela marcha automática da história, como as abelhas ou os mastodontes” (MAY, 1994, p. 134). A princípio o homem está em constante aprendizagem e a sociointeração faz parte do processo de desenvolvimento, “nada é compreensível no Mundo senão a partir do Todo, no Todo e é o amor o princípio totalizador da energia humana” (CHARDIN, 1980 p.122). Um contexto social sadio é capaz de auxiliar na (re) construção de seres humanos ávidos de humanidade e compaixão.

4 MATERIAL E MÉTODOS

O conhecimento científico é uma forma de especificar o conhecimento. Utiliza-se métodos adequadamente sistematizados ou científicos capazes de analisar e compreender tudo aquilo que é possível de ser medido, pesado e contado. De acordo com Gil (1987, p. 21) “o conhecimento científico é objetivo porque descreve a realidade independente dos caprichos do pesquisador”. Dessa forma, o modelo de pesquisa escolhido foi o exploratório, de enfoque qualitativo e como viés, o estudo de caso, tanto pelo caráter da pesquisa quanto pela complexidade do fenômeno sobre o qual seu intuito investigativo é explorar o ambiente, elevar e resolver desafios.

Uma pesquisa exploratória é exatamente o que a situação anterior sugere. O objetivo de uma pesquisa exploratória é familiarizar-se com um assunto ainda pouco conhecido, pouco explorado. Ao final de uma pesquisa exploratória, você conhecerá mais sobre aquele assunto, e estará apto a construir hipóteses. Como qualquer exploração, a pesquisa exploratória depende da intuição do explorador (neste caso, da intuição do pesquisador). Por ser um tipo de pesquisa muito específica, quase sempre ela assume a forma de um estudo de caso (GIL, 2008).

Como qualquer pesquisa, ela depende também de uma pesquisa bibliográfica, pois mesmo que existam poucas referências sobre o assunto pesquisado, nenhuma pesquisa hoje começa totalmente do zero. Haverá sempre alguma obra, ou entrevista com pessoas que tiveram experiências práticas com problemas semelhantes ou análise de exemplos análogos que podem estimular a compreensão.

A pesquisa abeira-se sobre os fenômenos socioculturais, educativos, à vista disso, o aspecto qualitativo, induz a uma compreensão intensa de certos fenômenos sociais, escorados no pressuposto da exterioridade subjetiva da ação social, visto que evidencia fenômenos complexos e/ou exclusivos. “O termo qualitativo implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível” (CHIZZOTTI, 2006, p. 1), porquanto, os estudos qualitativos delineiam a complexidade de demarcada esfinge e a influência mútua de sensatas variáveis.

Prontamente, averigua-se que, o tipo de pesquisa exploratória, a abordagem

qualitativa e a ancoragem no estudo de caso foram considerados como aportes ideais para esse estudo, uma vez que, se constituem de elementos necessários para a interpelação da realidade focalizada.

Foi possível prever a utilização de alguns instrumentos para realização das etapas, como: A observação sistemática (para identificar os impactos, se danosos, possíveis soluções) correspondeu aos objetivos deste trabalho porque consentiu à pesquisadora participar da produção de amostras de dados, ao tempo em que lhe deu maior conexão ao objeto de sua observação. Segundo Ludke e André (1986, p. 27), nesse tipo de observação o pesquisador para garantir a imparcialidade, “pode, por exemplo, confrontar o que vai captando da realidade com o que esperava encontrar. Se não houver discrepância, pode estar havendo parcialidade”. A intenção e o limite dessa observação foi, especular os efeitos da chegada da energia elétrica na cultura dos moradores entre diferentes formas. Como adverte Carvalho (1989, p.157), “os fatos a serem observados devem estar delimitados pelo plano de pesquisa embora outros fatos que o pesquisador julgar significativos podem ser registrados para análise e possível inclusão”.

Diante disso, essa proposta justifica-se na pesquisa exploratória que se concentra num estudo aprofundado dos componentes de determinados fatos que até então nunca foram pesquisados, visando aumentar as experiências no entorno do fenômeno escolhido. Calça-se no estudo de caso porque permite o envolvimento interpessoal do pesquisador sobre o mundo cotidiano e cultural do indivíduo, na busca de informações que correspondam aos seus principais anseios.

O anteprojeto foi submetido ao Conselho de Ética e Pesquisa – CEP no dia 11 (onze) de novembro de 2019, vindo a ser aprovado no dia 05 (cinco) de novembro de 2020, com parecer de número 4.382.310, pois por conta da redução de pessoal e também dos trabalhos remotos os projetos demoraram um tempo maior que o estimado para serem analisados e emitidos os pareceres. De acordo com as normas, todos os participantes receberam explicações sobre os objetivos da pesquisa e só participaram após assinarem um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE. Dessa maneira, também foi procedido com a exposição das imagens e vozes.

4.1 Entrevista Semiestruturada

A entrevista semiestruturada contendo pontos chaves de acordo com os explicitados nos objetivos, para dessa forma, com um aparelho móvel registrar a oralidade dos sujeitos e a partir desse protocolo (estabelecer pontos fortes, fracos e identificar questões que possam ser chaves no auxílio para iniciar mudanças).

A entrevista semiestruturada possibilita respostas que permitem avançar nas investigações e dão maior acesso às informações de relevância para a pesquisa. Como bem observam Bogdan e Biklen (1994, p. 134), “a entrevista é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo”. Reunir a comunidade e realizar um diálogo sobre a importância de suas práticas para a construção de saberes que derivam da sociointeração entre seus modos de vida.

4.2 Lócus

A comunidade do Cabeça, localizada na Serra município de Itiúba-BA, cidade identificada atualmente como fazendo parte da região sisaleira, fica ao Norte da Bahia. A Serra de Itiúba é composta por onze comunidades, sua grande maioria é de difícil acesso, por conta da grande quantidade de acidentes geográficos em algumas só é possível o trânsito de animais e humanos. É acidentada do ponto de vista geográfico, o que a torna deslumbrante por conta da diversidade de vegetação, frutas nativas, lajedos, montanhas, nascentes, planícies e as modificações humanas como é o caso das famosas “cercas de pedra” um trabalho braçal realizado como forma de sobrevivência e separação de espaço. Nesse cenário de belezas possivelmente detecta-se uma série de desafios acarretados pelo isolamento de algumas comunidades que ficam desprovidas de posto médico, energia elétrica, água encanada, entre outros componentes básicos necessários para a sobrevivência.

Somente no povoado Adro de São Gonçalo tido como sede da Serra é que há possibilidade de encontrar maiores desenvolvimentos ligados ao mundo urbano, como: motos, carros e bicicletas; alguns produtos industrializados; escola, visto que ela oferece atendimento da Educação Infantil até os anos finais do Ensino Fundamental II. É onde mesmo com dificuldades por conta do trajeto (subida e descida de uma enorme ladeira que compõe parte do percurso até a cidade, pelos

demais transportes, tanto urbanos quanto rurais) chega à minoria de recursos destinados para estas localidades, como por exemplo, vacinação, transporte escolar que leva os alunos para a cidade, dentre outros pequenos benefícios que podem ser observados em longo prazo.

E a comunidade que será o nosso objeto de pesquisa, além desses tantos aspectos já referidos, tem características primórdias, inclusive ainda é possível encontrar algumas pessoas dessa comunidade as quais contrariam o conceito de civilidade, ou seja, elas simplesmente não se sentem confortáveis para receber indivíduos que não são familiares e quando percebem a presença de outras pessoas, mesmo as que não são consideradas estranhas, se escondem. A maioria das famílias obtém a renda para o sustendo através da agricultura familiar que se dá de acordo com os índices de pluviosidade e as estações das frutas nativas, grande parte do que se produz é utilizado para o consumo, e quando se tem uma produção excedente, os produtos são comercializados na feira livre da cidade. A sobrevivência também é proveniente do que é denominado como “dia de macaco” (trabalho braçal remunerado, feito nas propriedades alheias: cuidar da terra e da vegetação, capinar, (re) fazer as cercas de arames ou de pedra, entre outras tarefas que podem ser atribuídas, ou seja, todas essas atividades podem ser caracterizadas como “diárias”), algumas recebem benefícios dos programas sociais do governo federal, outras já estão amparadas pelo Instituto Nacional do Seguro Social - INSS.

4.2.1 A caracterização de Itiúba

Itiúba é um município brasileiro do estado da Bahia. Segundo Censo do IBGE 2010, sua população é de 36.113 habitantes (sendo 9.699 na zona urbana e 26.414 na Zona Rural). Emancipada em 17 de janeiro de 1935 e localizada no Semiárido, no Centro-Norte Baiano, fazendo parte da Microrregião de Senhor do Bonfim. Possui uma área total de 1.722.754 km² e uma densidade populacional de 20,22 hab./km².

Como acidente geográfico, avulta a grandiosa Serra de Itiúba. O rio mais importante é o Itapicuru-Açu, sendo que outros três rios menores banham o município: o Jacurici, o Cariacá e o Itapicuru-Mirim. Há o Açude do Jacurici com capacidade de 156 milhões de metros cúbicos e o açude do Coité (muito embora, ultimamente, com as constantes estiadas, encontrarem-se com um manancial muito abaixo de sua capacidade). Em termos de riquezas naturais, Itiúba desfruta de uma

exuberante fauna e flora, mesmo que prejudicada pela degradação ambiental. Podem ser destacadas, na flora do município, algumas madeiras de lei, tais como: a baraúna, o cedro, o angico, a peroba e o amargoso. Na fauna, sobressaem os macacos, as jaguatiricas, os veados, bem como outros de menor porte. Cercada por lindas serras e montanhas, possui uma atitude de 377 metros, com fuso horário UTC-3, sendo caracterizada com um clima frio, apesar de vivenciar continuamente períodos marcados por muito calor.

Tem suas fronteiras demarcadas por municípios limítrofes: Cansanção, Queimadas, Filadélfia e Andorinha. Distancia-se da capital em 400 km quilômetros. Devem ser considerados os seguintes indicadores, no contexto de Itiúba: IDH 0, 544 PNUD/2010; PIB R\$ 146.388,00, e PIB per capita R\$. 4.048.681, conforme dados IBGE/2011.

São muitos os povoados que juntamente compõem este município, como: Adro do São Gonçalo, Taquari, Rômulo Campos, Piaus, Ponta Baixa, Pedra Solta, Cacimbas, Jacurici, Picos, Bela Vista de Costa, Bela Conquista, Alto do São Gonçalo, Sítio do Félix, Sítio dos Moços, Sítio dos Gomes, Cercadinho, Fechado, Pau Branco, Anselmo, Mangabeira, Agrovila I e II, Várzea Suja, Varzinha das Olarias e Várzea Comprida. **(A caracterização de Itiúba).**³

4.2.2 Educação e Economia

No contexto educacional, conforme dados do Educacenso 2013, em Itiúba há 60 escolas (que atendem a Educação Infantil e Ensino Fundamental) e 10 creches (sendo, no total, 58 unidades localizadas na Zona Rural e 12 na Zona urbana). Conta com 451 docentes e 8.512 alunos matriculados nas escolas públicas municipais, com 6.021 na zona rural e 2.491 na zona urbana.

A economia local tem seu forte na pecuária, na agricultura e na extração mineral (minério de ferro e cromo). É ela baseada no setor primário, especificamente na agropecuária. Mas, o desenvolvimento do setor é bastante prejudicado devido à estiagem prolongada, que tem causado irregularidade nas safras agrícolas e redução dos rebanhos. Tem como complemento, o baixo volume d'água do açude

³Dados consultados em 20/01/2020 no site:<http://wikimapia.org/7789013/pt/Itiuba> - Atualizados através do site:www.ibge.gov.br.

do rio Jacurici que impossibilita a continuidade do sistema de irrigação, anteriormente desenvolvido, faltam incentivos públicos para o setor, o produtor rural conta com pouco apoio técnico e utiliza-se de meios rudimentares para a utilização das terras, provocando o baixo rendimento da sua produção. Em conjunto, esses fatores limitam o aproveitamento do potencial agrícola do Município e prevalece uma situação de pobreza da população, sem opções de trabalho e com renda bastante reduzida. Atualmente, conta com o funcionamento de três agências bancárias: Banco do Brasil, Caixa Econômica Federal e Bradesco, o que tem impulsionado um pouco mais a sua economia, vale registrar também o desenvolvimento maior do comércio local.

Por outro lado, por muito tempo, o desenvolvimento do setor também esteve limitado pela escassez de recursos em virtude da inadimplência e da inexistência de programas direcionados à minimização dos problemas resultantes da seca. Em 1995, a Associação de Caatinga, que reúne pequenos produtores de uma área de Reforma Agrária do Município, foi beneficiada com recursos do PROCERA (Programa de Crédito para a Reforma Agrária).

O setor secundário é incipiente e gera poucos benefícios para a economia municipal. Já o setor terciário reúne a maioria das empresas, com destaque para o segmento varejista. No entanto, o declínio da atividade primária causa impactos diretos sobre o comércio local, que aliados aos problemas econômicos a nível nacional enfraquecem o desenvolvimento deste município **(A caracterização de Itiúba)**.⁴

4.2.3 História

O território do atual município era habitado pela tribo indígena dos Cariacás, quando os primeiros colonizadores chegaram nesta localidade. Os primitivos habitantes deram ao local a denominação de Itiúba. Segundo uma versão, o início da colonização se deu com a chegada dos portugueses da Casa da Torre e segundo outra, com os colonos provenientes de Inhambupe, Alagoinhas e Cachoeira. Quanto à origem do nome do município, há opiniões diversas: uns acham que se tenha derivado da expressão tupi-guarani - tuyba - que significa "abelha dourada",

⁴Dados consultados em 20/01/2020 nos sites: educacenso.inep.gov.br/relatório/municipal e <http://wikimapia.org/7789013/pt/Itiuba> - Também atualizados através do site: www.lbge.gov.br.

conforme Teodoro Sampaio; outros, que o termo tenha sido derivado da palavra "itiúba", que na língua indígena quer dizer "água da pedra".

No que se refere à formação administrativa, no final do século XVII, o território fazia parte da Freguesia Velha de Santo Antonio de Jacobina. Transformada depois em "julgado", teria sido incorporado ao Arraial do Senhor do Bonfim da Tapera, em 1697. O fato consta da Carta Régia assinada por D. Fernando José de Portugal, em 08 de julho de 1697 e dirigida ao ouvidor de Jacobina. Pela Resolução Provincial nº 1.005, de 16 de março de 1868, foi elevado à categoria de freguesia subordinada à Vila Nova da Rainha (atual município de Senhor do Bonfim). Em 1884, sua subordinação transferiu-se para a Vila Bela de Santo Antonio das Queimadas. Ao mesmo tempo, a partir de 1860 desenvolveu-se uma povoação na Fazenda Salgada (situada no sopé da serra de Itiúba), que em 1880 viria a ser transformada em Arraial de Itiúba. Pelo Decreto Estadual nº 9.322 de 18 de janeiro de 1935 foi criado o Município, com território desmembrado de Queimadas, e o Arraial foi elevado à categoria de Cidade **(A caracterização de Itiúba)**.⁵

4.2.4 Cultura

Itiúba é marcada, culturalmente, por um contexto rico em manifestações e expressões, permeadas por representações simbólicas regionais, que remontam a vivência de sua gente, a forma do seu fazer artístico, do seu modo de viver e compreender o seu entorno, das expressões mais singulares, povoadas pela nostalgia, enfim, por suas lendas e folclore.

O Simples, o belo

Que bom, sair por aí a caminhar
pelas ruas da cidade,
chegar à Praça
Getúlio Vargas,
passar pelos jardins,
admirar
o Tanque da Nação,
ir adiante,
rumo à Matriz
que se mostra ereta,
com suas torres,

⁵Dados consultados no dia 20/01/2020 - <http://www.cidadesdomeubrasil.com.br/ba/itiuba/>.

de singular arquitetura
 Seguir, ouvindo
 o repicar do sino,
 melodiosamente
 Subir e descer
 o histórico
 Pontilhão,
 com suas muretas
 em estilo colonial,
 deparando-me, então,
 no coração da
 Belarmino Pinto
 Foi dessa forma,
 que aprendi a me acercar

do singelo e passei
 a contemplar o belo
 Foi assim que entendi
 que na poesia
 existem muitas ruas,
 que nas muitas ruas
 há intensa poesia.⁶

Aqui as aptidões artísticas se enquadram nos mais diversos campos artísticos. Essas manifestações, que já vêm de há tempos, convivem com os avanços, principalmente os que são implementados na sociedade contemporânea.

A cidade é caracterizada pelas Serras, pois é rodeada de planaltos e planícies, o que a torna bela do ponto de vista artístico:

As majestosas serras

As serras que circundam a “Princesinha”
 se aninham num espocar de fulgurante grandeza,
 com formas diversificadas, sinuosas, numerosas,
 de jeitos diversos... singelas realezas
 Nas suas encostas cresce o verde, por vezes palha,
 compondo um só encanto... visão espetacular
 Esse admirável e radiante cartão postal
 figura, anos e anos, em brilhos que se espalham
 Ergue-se impetuosa, junto a outras tantas
 deslumbrantes serras, a famosa “Serra do Cruzeiro”,
 gigante a expor o seu corpo inteiro,
 com suas capelas, que nos dias de Semana Santa,
 se abrem humildemente aos muitos romeiros.
 Fixo-me na altivez da “Serra do Encantado”,
 com suas histórias que espelham um rico tesouro,
 revivificando a lenda do “Carneiro de Ouro”

⁶ <http://www.filarmonica4dejaneiro.blogspot.com.br/> O simples, o belo: Autor Joel Porto. Consulta feita no dia 22/02/2020

Aproximo mais o meu olhar
para a Serra da “Pedra Montada”,
que foi arquitetada, com maestria inusitada,
pelas belas e dadivosas mãos da natureza

Vislumbro mais e mais a “Serra do Souza”,
formando rostos... aparentes pessoas,
mil caricaturas... de todos os gostos
Viajo... vou muito, muito mais além,
estou na “Serra de Itiúba”, no topo
da montanha da “Laje do Céu”,

a me extasiar com a magnífica, esplêndida paisagem

São esses e outros perfis... vivos cenários
que melhor caracterizam a “Princesinha das Serras”,
despertando orgulho e alegria; saudade e nostalgia,
misturando, no seu viver ameno, beleza e poesia.⁷

Itiúba, mais conhecida também por “Princesinha das Serras”, herdou, inicialmente, traços da cultura indígena, pois, como já foi citado, esta cidade originou-se, inicialmente, em São Gonçalo do Amarante, em 1650, lugarejo situado no topo de uma das serras de Itiúba, hoje mais conhecido como Adro do São Gonçalo, que era povoado pelos índios cariacás. A esse respeito, vale destacar a citação abaixo:

A Cultura Popular de Itiúba, desde os primeiros momentos de sua organização social até os dias de hoje, é por demais conhecido que Itiúba, nasceu pelas mãos e vontade dos portugueses, ao criarem a capela de São Gonçalo do Amarante, no topo da Serra de Itiúba, em 1650. Começou aí o processo de colonização do índio pelo branco. E com este, veio os seus usos e costumes. Pode-se falar em uma cultura indígena posta em prática na Serra de Itiúba? Pode-se. Lá, adoravam, e cantavam para Tupã. Dançavam e tomavam o Caulim, bebida embriagadora. Essa cultura indígena, pura na sua origem, foi, infelizmente, sufocada e exterminada pelos brancos.⁸

Depois de muito tempo, nos idos de 1860, Itiúba veio a se formar, mais concretamente, também como já foi aludido, a partir da Fazenda Salgada. Assim, “Itiúba desceu da Serra e veio a instalar por entre serras”, expressão muito conhecida dos itiubenses. Neste lugar, conhecido por Arraial de Itiúba, “vale sagrado e salgado, aos poucos a sua cultura popular foi surgindo”.⁹

⁷ <http://www.filarmonica4dejaneiro.blogspot.com.br/> As majestosas serras: Autor Joel Porto. Consulta feita no dia 22/02/2020

⁸ [http://www.filarmonica4dejaneiro.blogspot.com.br/A cultura Popular de Itiúba: o ontem e o hoje - Autor Egnaldo Souza Paixão](http://www.filarmonica4dejaneiro.blogspot.com.br/A%20cultura%20Popular%20de%20Iti%C3%BAba%20o%20ontem%20e%20o%20hoje%20-%20Autor%20Egnaldo%20Souza%20Paix%C3%A3o). Consulta feita no dia 20/01/2020.

⁹ Idem

Conforme Azeredo (1987), o marco da fundação do Arraial de Itiúba é a construção da casa, ainda hoje existente, de D. Isabel da Silva Freitas, (D. Yaiá Bebé), entre 1865/1870. Dessa data até 1915/1916, nada se sabe mais detalhadamente sobre a cultura do lugar, cabe destacar, nesse contexto, a presença de Piroca do Lino, famoso aboiador, além do registro de que, ainda nos idos de 1860, Itiúba teve a sua primeira professora pública, “paga pelos cofres do Estado”.

Embora não haja registro de atividades culturais levada a efeito pela professora Eduvirgens, primeira mestra itiubense, sem dúvida, ela deve ter plantado nos seus alunos as primeiras sementes de uma futura cultura popular, cujas manifestações iriam eclodir depois.¹⁰

É necessário o registro de um fato interessante: a disputa de dois grupos políticos, não por posses e poder, mas pelo desenvolvimento da cultura, o que proporcionou a criação de duas filarmônicas, o que foi fartamente detalhado por Egnaldo Souza Paixão.

Em 1915/1916, o grupo político liderado por um filho de D. yaiá Bebé, o Cel. Aristides Simões de Freitas, criava a primeira filarmônica de Itiúba, que recebeu o nome de Sociedade Filarmônica 8 de Dezembro. Conquanto, já existisse no então Arraial, outras manifestações populares, sem registro em sua história, como jovens senhorinhas e rapazes cultivando o teatro, com suas encenações populares, o fato é que, pode-se considerar a criação da filarmônica citada, como um grandioso acontecimento cultural de Itiúba. É bom lembrar, que, em 1916, Itiúba era apenas um arraial. O Cel. Aristides e seu grupo mandaram buscar os instrumentos, todos novos, em Salvador. Nessa perspectiva, eis que surge outra situação: não era possível, uma facção política ter uma banda de música, abrilhantando noites religiosas, aniversários de políticos, batizados e quermesses, e a outra não ter também uma banda, já que os grupos, naturalmente, eram antagônicos e se pirraçavam à luz do dia. Por isso, em 1924, o Cel. João Antônio, o outro chefe que fazia frente ao Cel. Aristides, juntou-se com seu grupo, formado, por Belarmino Pinto de Azeredo, Manoel Barbosa, Mindô Pinto, Rogério Pitanga, João Avelino, Manoel Pinto e outros, e, no dia 02 de julho de 1924, fundaram outra filarmônica no arraial, a briososa “União 2 de julho”, cujas atividades chegaram ao fim em meados dos anos 60. Uma pena, porque, bem antes, em 1929, a filarmônica 8 de dezembro, deixou

¹⁰ Idem

também de existir.¹¹

Prosseguindo com esse relato histórico-cultural, cabe destacar um período de acentuada efervescência, que, segundo Egnaldo Souza Paixão, ocorreu com a formação de grupo teatral, da instalação de cinema, de rádio e jornal, além de acontecimentos, como os famosos carnavais, com seus carros alegóricos, seus pierrôs e colombinas. O referido autor começa afirmando que é Robério Azeredo quem nos informa sobre o primeiro sanfoneiro itiubense ou o mais famoso do passado, José Ribeiro Vilas Boas, que viveu até a década de 1940. Afirma Azeredo (1987, p. 60), falando de José Ribeiro, que:

Na mocidade, fora um exímio tocador de sanfona e organizador de festas! José Ribeiro tornou-se comerciante em Itiúba e foi dono da Fazenda Algodões. Há um fato curioso, que merece, também, ser lembrado. Trata-se dos músicos de 8 de dezembro, sobre os quais, registra a tradição oral, que eram todos descendentes da fazenda mencionada e pertencentes à família Ribeiro Vilas Boas, eram, pois, descendentes do sanfoneiro José Ribeiro Vilas Boas.

Outro marco histórico, que muito contribuiu para o crescimento da cultura popular de Itiúba, foi à criação do Cine e Theatro Ideal, do lendário Manoel Pinto, em 1933. Hoje, onde funciona uma casa comercial, funcionava o cinema, um teatro e de quebra tinha uma Rádio. As encenações teatrais eram feitas por jovens itiubenses, moças e rapazes; destacaram-se Lurdes Azeredo, Hilda e Helena Carvalhal, Clarinda Carvalho e Luiz de Mendonça Cruz. Outro grande acontecimento cultural para nossa terra ocorreu entre 1936 e 1937, com a criação do Jornal “O Itiubense”, por José Assis, de Juazeiro, que montou tipografia e fez circular, durante 2 anos, esse jornal, quando poesias locais e regionais, da melhor qualidade, eram periodicamente publicadas. Estamos, assim, demonstrando que, desde a época em que Itiúba era um simples arraial, era uma terra rica em matéria de cultura popular. As suas manifestações artísticas proliferavam com muito vigor, força e beleza. Como esquecer um bloco carnavalesco, de nome “Os Bambas”, que, segundo informações orais, teve seu apogeu desde o arraial até anos após esta terra virar município independente, em 1935. Como esquecer os carnavais antigos, os blocos nas ruas, visitando as casas, seus carros alegóricos levando beleza para todo canto, “As caretas”, os eternos foliões, Edmar Azeredo (o Teia), Raimundo Queixinho, Nego Frege Banha, João Piolho, Arthur Teixeira, Dasso Grande. As eternas rainhas e

¹¹[http://www.filarmonica4dejaneiro.blogspot.com.br/A cultura Popular de Itiúba: o ontem e o hoje](http://www.filarmonica4dejaneiro.blogspot.com.br/A%20cultura%20Popular%20de%20Iti%C3%BAba%3A%20o%20ontem%20e%20o%20hoje) - Autor Egnaldo Souza Paixão. Consulta feita no dia 22/01/2020.

suas princesas, Clarinda e Cleide Carvalho, Nolinha, Margarida Carvalho, que desfilavam em belos carros alegóricos saídos do engenho e arte de Valadares e Antônio Mota, como esquecer que em 1950 a 1955, os carnavais eram lindos para serem vistos e curtidos. Como se esquecer de um violinista que saía pelas ruas, em plena terça-feira de carnaval, como eu vi Antônio Mota, executando as marchinhas da época, vestido de pierrô ao lado de sua amada, Judite Barbosa, a mais bela colombina do dia.¹²

4.3 Público Alvo

Os sujeitos da pesquisa foram pessoas residentes na comunidade do Cabeça, Serra de Itiúba. Nessa tarefa, vale ressaltar a importância das pessoas mais idosas da comunidade, considerando que são elas os ‘poços’ de saberes empíricos e tivera muita significância na colaboração do nosso trabalho. Os sujeitos serão entrevistados e de acordo com a exposição desses dados no decorrer da pesquisa, por uma questão de ética serão denominados por letras e/ou números para que assim sua identidade real seja preservada.

4.4 Análise de Dados

Posterior a coleta e a sistematização dos dados, a pesquisa prosseguira com a análise e interpretação do material colhido, levando em consideração um grande suporte bibliográfico como forma de fundamentação da teoria diante da prática e também como base de referência. Todas as entrevistas foram transcritas e armazenadas em arquivo pessoal da pesquisadora, dos quais somente ela tivera acesso, pois a partir da transcrição fiel da fala dos sujeitos, fora possível trazer a compreensão concreta da realidade. Neste sentido Pode-se dizer que um projeto de pesquisa que abarque o Método do Estudo de Caso envolve três fases diferentes: a. a escolha do referencial teórico sobre o qual se pretende trabalhar (YIN, 1993); a seleção dos casos e o desenvolvimento de protocolos para a coleta de dados; b. a condução do estudo de caso, com a coleta e análise de dados, culminando com o

¹²[http://www.filarmonica4dejaneiro.blogspot.com.br/A cultura Popular de Itiúba: o ontem e o hoje](http://www.filarmonica4dejaneiro.blogspot.com.br/A%20cultura%20Popular%20de%20Iti%C3%BAba%20o%20ontem%20e%20o%20hoje) - Autor Egnaldo Souza Paixão. Consulta feita no dia 22/01/2020.

relatório do caso; c. a análise dos dados obtidos à luz da teoria selecionada, interpretando os resultados (YIN, 2001, p. 40-77). A intenção e o limite dessa pesquisa será especular os efeitos da chegada da energia elétrica na cultura dos moradores entre diferentes formas. É válido afirmar que todas as informações colhidas seguiram as normas éticas de pesquisa, com termos de concessão de informações assinados pelos sujeitos da pesquisa.

4.5 Confeção de Produto Final

Partindo do pressuposto de que toda pesquisa emerge de uma problemática ou potencialidades a serem constatadas, e de acordo com essas constatações, faz-se necessário algum produto/construção que possa orientar ou demonstrar para os sujeitos que participaram da pesquisa os resultados obtidos a partir de suas contribuições.

No decorrer da construção deste trabalho fora criado um *site* no qual estão expostos dados que contemplam o *lócus* visitado e os sujeitos envolvidos, neste caso a comunidade do Cabeça, pois é fundamental que o pesquisador após obter as informações, possa voltar à fonte e devolver os resultados, seja comprometido, tenha um olhar multifacetado e, de certa forma seja também um agente de transformação.

A criação deste *site* fora pensada a partir da revelação de um retrato das potencialidades e belezas da localidade, além disso, descrições dos moradores locais sobre o seu *habitat* no sentido de identificar como eles veem a comunidade, fragilidades e eventuais perspectivas de mudanças, no sentido de melhoria e ampliação para esta comunidade. Fora uma construção coletiva entre pesquisador e todos os sujeitos envolvidos e também uma devolutiva para a comunidade. Todas as etapas foram construídas de maneira coletiva.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este capítulo traz a análise dos dados coletados e, conseqüentemente, a apresentação dos resultados da pesquisa e do produto final.

5.1 A Organização dos Resultados

Os dados foram coletados a partir das reminiscências das pessoas com idades de 38, 56, 65 e 66 anos a maioria iletrada, brasileiros, parcialmente casados e residentes na Comunidade do Cabeça, na Serra de Itiúba, Bahia, situada na região Nordeste do Brasil. Nesse sentido, os resultados foram organizados, constando as informações de algumas das questões que serão divididas por tópicos, construídos a partir das respostas dadas, procedendo-se, por conseguinte, uma apreciação crítica da pesquisadora de todas as questões. Foram apresentados, ainda, postulados de alguns dos teóricos, em específico àqueles que constam nos capítulos I e II.

5.2 A Avaliação dos Resultados

Visando possibilitar uma melhor compreensão, a avaliação dos resultados, foi feita, partindo-se da perspectiva de analisar como a chegada da energia elétrica incidiu na cultura, nos modos de educação, na produção econômica e nas relações sociais da comunidade. Nesse sentido, é de suma importância a valorização dos sujeitos, de salientar a veemência das suas práxis, da agricultura familiar, dos esforços que partem de cada pessoa para se manter na comunidade e estudar, da importância da cultura que ultrapassa gerações, e da constatação das transformações ocorridas a partir da chegada da energia elétrica.

Destarte, ainda temos o “produto”, fruto desta pesquisa que é um *site*, denominado www.luznaserradocabeça.com.br que foi pensado e organizado de forma simples, mas sem perder a consistência e seriedade da pesquisa, de forma que a comunidade se identifique, pois ele tem características que os moradores, certamente, podem aproximar a suas. É importante que eles vejam traços próprios e possam cada vez mais ter elementos que fortaleçam sua identidade.

5.3 A Chegada da Energia na Serra

Dois anos antes da chegada da energia elétrica na Serra, as comunidades receberam placas de energia solar que foram concebidas pela associação dos moradores que fica sediada no Adro, todavia, as placas foram muito pouco usadas, pois sua composição parecia ser de material inferior e a bateria quando (re) carregava não conseguia suprir as poucas demandas, como por exemplo, assistir televisão, no máximo, dava apenas para iluminar alguns cômodos e por pouco tempo.

A energia elétrica chegou à grande maioria das comunidades da Serra em 2005, pelo *Programa Luz para Todos*. Por conta da dificuldade de acesso, dos acidentes geográficos, houve a necessidade de abrir estradas com máquinas de grande porte para que os caminhões pudessem passar com os postes e os demais materiais que compunham o processo de instalação, pois até então, na Serra, exceto a estrada que sobe da cidade de Itiúba para o Adro de São Gonçalo, só havia o que as pessoas por lá chamam de “caminhos”. Eles podem ser caracterizados como “veredas”, nesses locais só é possível o trânsito de animais e pessoas por conta da combinação de pedras de todos os tamanhos e ladeiras, o que causa irregularidades nas passagens e impede o acesso de outros veículos.

A partir do processo de construção das estradas é que foi possível algumas comunidades serem contempladas com a energia elétrica, porém algumas estradas, até determinados pontos atualmente já não existem mais, pois não foram conservadas.

5.4 O que a Energia Proporcionou aos Moradores do Cabeça

Precedente a chegada da energia, nas comunidades da Serra, exceto no Adro de São Gonçalo, as pessoas utilizam muito o candeeiro, um artefato que hoje é relíquia, mas pode ser encontrado em quase todas as casas das comunidades de lá.

Os candeeiros são feitos de três materiais: zinco e folhas de flandes, na Serra os mais comuns são desse último. E para o pavio, que é uma das partes essenciais do candeeiro, é utilizado um cordão feito de muito algodão, na medida da haste para que acenda o fogo.

É corriqueiro chegar a algumas casas das comunidades e ver candeeiros feitos de latas de óleo de soja, que é utilizada também como medida e para pegar

água, o litro. Contudo, os candeeiros só são comercializados na cidade, pois vêm de outras localidades do município e até de outras cidades, visto que antigamente na cidade, só existiam duas pessoas que faziam esse objeto e provavelmente elas estão em outro plano astral.

Ele é negociado de duas formas: com e sem o pavio e para que funcione é necessário ter o gás que é uma composição química de cheiro desagradável, mas que sem ele o candeeiro não funciona. Todas as partes são importes e depois do candeeiro pronto é só inserir o pavio de algodão, colocar o gás e acender.

As velas, lá na Serra como um todo, nunca foram muito utilizadas, pois tem um custo alto e são de curta duração se comparadas ao candeeiro. Já as lamparinas eram para quem tinha um poder aquisitivo maior, uma vez que elas dependem de um pequeno botijão e o conjunto gerava um investimento muito alto. Para as famílias carentes, esse item estivera fora de cogitação.

Para ouvir rádio se utilizava pilhas comuns, já para assistir televisão só era possível se tivesse uma “bateria de carro” independente da quantidade de amperes, essa bateria durava no máximo até 15 (quinze) dias (re) carregada, depois era necessário levá-la no Adro (povoado) para fazer a recarga, sobre a qual era cobrada uma taxa condizente com período de três dias contínuos recarregando-a.

Nos dias em que não havia televisão, à noite os adultos sentavam-se as calçadas, pois eles adoravam contar-nos histórias e até nos ensinavam canções. Lembro-me da história que meu tio contava sobre uma senhora antiga moradora da nossa comunidade, a qual o pai ganhou um rádio de presente, quando o objeto chegou a casa deles, o colocaram na mesa e quando o rádio começou a falar e tocar uma música todos correram com medo, achando que tinha alguém preso dentro dele, o amarraram com correntes.

Dessa forma, se teciam as noites sem energia elétrica. Quando ela chegou trouxe consigo inúmeros benefícios, como poder assistir sem limitação, a utilização de vários eletrodomésticos, o lazer e o melhor de tudo, a iluminação das residências. Contudo, atividades como as da agricultura para subsistência não tiveram alteridade, assim como também alguns cuidados com o meio ambiente.

Sobre as mudanças que ocorreram com a chegada da energia elétrica uma das pessoas entrevistadas menciona sua opinião a respeito dessa alteridade.

Por enquanto, não mudou foi nada minha fia, mudar, mudou sim, o que a pessoa gastava com gás e agora gasta mais pouco, mas mudar pra umas coisas e outras não. Veja, desde domingo estamos sem energia os candeeiros a gente acende o gás e é mesmo que não acender, é mesmo que tá no escuro porque não alumeia quase nada, com energia, não, que a gente acende de fora, de dentro e tá vendo tudo, tá vendo todo movimento. Faltou desde domingo, a todo tempo ligam, eles lá já atenderam e cadê que nunca vieram? Os braços daí dos transformador tão solto, de lá do Sõe tá solto, da outra vez que caiu eles vieram e tiraram os apara raio, deixaram tudo desligado e quando é agora caíram umas canelinha e eles nunca vieram (MARIA JOANA, 66 anos).

Mudou, porque a gente vivia no candeeiro, depois que chegou a energia mudou foi muita coisa, a dificuldade é quando falta energia como faltou agora de novo, mas quando tem energia aí tudo é bom, é um suco, é uma vitamina, é uma carninha fresca aí da hora, tudo cai bem. Porque voltar pro candeeiro de novo, ô dificuldade braba o candeeiro viu, a pessoa acostumada na energia pra voltar pro candeeiro Raimundinha num acha que é difícil não? É difícil (GILSON, 56 anos).

A cerca das transformações, as exposições nos dizem muito quando elas deixam claras em sua comparação, a diferença entre a luz da energia elétrica e a do candeeiro, esse último, mesmo que tenha caído em desuso, ainda fica lá guardado num canto das casas para o caso da falta de energia elétrica. Dona Maria Joana, também fala de alguns elementos que compõem os transformadores e, embora leiga (re) conhece os direitos dos moradores, entendendo que os transformadores precisam de manutenção por conta das fortes chuvas. Além disso, apesar de já ter vivido um longo período sem energia elétrica, eles pontuam diretamente e nas entrelinhas o quanto é ruim ficar sem esse bem de consumo que por tantos anos lhes foi negado o acesso.

5.5 Como a Energia Chegou à Comunidade do Cabeça

Com a sua universalização, a energia elétrica chegou no Cabeça e nas comunidades vizinhas no mês de junho do ano de 2017, até então elas não tinham acesso a essa política pública, visto que por serem isoladas e de difícil acesso abrem lacunas para que a efetivação de seus direitos não sejam cumpridos como está posto na Lei e as pessoas acabam sendo prejudicadas, sofrendo marginalizações sociais.

Entretanto, para que a comunidade fosse beneficiada com essa política pública foi necessário muita colaboração e empenho, tanto por parte dos moradores da comunidade do Cabeça, quanto por parte dos moradores das outras comunidades, inclusive das que já dispõem de energia elétrica e especialmente dos prestadores de serviços, os eletricitistas, pois eles souberam conduzir os desafios com bastante sabedoria.

O alento da coletividade foi indispensável para que tudo pudesse acontecer da melhor forma possível, pois os postes que sustentam os fios que conduzem a eletricidade tiveram que ser carregados nas costas pelos homens, uma vez que, os latifundiários não abdicaram de suas terras para que a estrada fosse feita, mesmo com a possibilidade de remuneração eles alegaram que a construção e manutenção das estradas implicariam em grandes prejuízos, por conta dos animais que podiam sair dos pastos que estão cercados.

A energia? Ela veio carregada no ombro dos homens. Eram oito homens para trazer um poste, pra vim pra aqui e pra botar eles no coisa, foi a mesma coisa, era botado a muque e botado nos buracos para poder apilar, foi como ela veio, porque de carro ela não vinha não, de carro ela veio até no Adro, lá minino, no Toinho, ela veio também de lá até no Toinho de carro. E agora pra aqui pro Cabeça mesmo, ela veio carregada a ombro, os homens do Tijuco tudo, os trabalhadores tudo que estavam trabalhando mais o minino, era o Zuca, foi quem trouxeram mais ele, eram oito homens para trazer um poste (MARIA JOANA, 66 anos).

A gente pediu bastantes vezes, fazia assim um folheto e ia pra salvador aquele folheto e depois passou muito tempo tornou fazer outro pedido e graças a Deus depois chegou, os meninos ajudavam cavar assim os lugarzinhos de colocar os postes e pra lá o moço que vinha fazer o trabalho era com cavalo, trouxeram um transmissor pra fazer os buracos, marcar e cavar e o pessoal daqui também ajudaram, e carregar vinha uns lá do Adro, vinha outros dali de perto da Lagoa, vieram ajudar a carregar os postes (EVERALDINA, 65 anos).

Nos ombro do povo né. Porque aí quem trouxe foi os homens, foi quem trouxe os postes, trouxeram as fiação, os braços... E aí graças a Deus que, conseguiram que conseguiram, chegou aqui, pra mim tô bem, feliz com ela, que coisa que eu nunca esperancei aqui hoje em dia tá tendo que era energia (GILSON, 56 anos).

Diante do relato de Dona Maria Joana e do Senhor Gilson e de Dona Vera fica evidenciada como foi possível a chegada da energia elétrica na comunidade do Cabeça, fica nítido nas falas que houve muita cooperação, contudo, é válido esclarecer que só foi possível a esses homens carregarem esses postes porque o material de que eles foram produzidos, a fibra, é diferente dos comuns, pois esses últimos são muito pesados e só conseguiriam chegar até o local determinado através um transporte, no caso um caminhão, por conta da força exigida.

Ela cita o Adro e Toinho, locais até onde os carros conseguem transitar. Adro é o povoado e Toinho é um senhor residente de outra comunidade da Serra. Embora, um fique do lado Leste e outro do Lado Oeste, a distância tanto do Adro como do Toinho para o Cabeça é gigantesca, exige muito esforço físico, visto que o caminho é acidentado geograficamente e no carregamento destes materiais supõe-se que certamente esses homens gastaram uma energia bem maior do que se estivessem carregando apenas os outros objetos.

Depois de conhecer um pouco de como era a Serra, o Cabeça antes de a energia elétrica chegar, acredita-se que seja impossível alguém discordar da essencialidade dela para a sobrevivência. Até aqui, chega a ser quase automática

a compreensão de que nenhuma pessoa merece, presentemente, viver sem acesso à energia elétrica.

É válido ressaltar que a ideia de que o acesso à energia elétrica exprime possibilidade de acesso à informação, dignidade, conforto, saúde, etc., é apenas uma opinião baseada no senso comum. Sauer; Rosa; D'Araújo, (2003, p. 39) asseguram o seguinte:

Energia elétrica pode ser encarada como fator de promoção da qualidade de vida, de produção, desenvolvimento econômico e de geração de emprego e renda. A exclusão social também se dá por falta de acesso a energia. O desenvolvimento tecnológico, ao passo que traz benefícios à humanidade, aumenta a distância entre os sem e os com energia.

Para além da compreensão ou das ideias que partem do senso comum, porém, o sistema legal brasileiro consente conferir essa essencialidade na prestação do serviço público de distribuição de energia elétrica.

Conclusivamente a Constituição Federal não expressa que a energia elétrica consiste num serviço público essencial. Ponto este em que alguns se atêm para proferir que a energia é essencial para produção e não essencial para comunidades carentes e sem probabilidade de consumo mensurável. Entretanto, de acordo com o diagnóstico sistêmico e infraconstitucional poder-se ter essa consciência, e por diferentes vias.

No texto constitucional contido no artigo 1º, que trata dos fundamentos da República do Brasil, estão instituídas, nos incisos II e III, concomitantemente, a cidadania e a dignidade da pessoa humana.

Não se pode falar em cidadania e dignidade da pessoa humana existindo a possibilidade de haver exclusão de qualquer natureza na admissão de um serviço público fundamental, como é o advento da energia elétrica. A energia elétrica é um serviço imprescindível ao homem.

5.6 Benefícios da Energia Elétrica e as Carências da Comunidade do Cabeça

A energia elétrica levou muitos benefícios para as comunidades da Serra, especialmente do Cabeça, além da iluminação dos domicílios, também proporcionou outras benesses.

Comia carne seca a semana toda só comia no domingo uma carninha fresca, agora não, a gente coloca a carne na geladeira e fica a semana toda, se não, coloca pra secar, pra comer um pedacinho seco ou assado, é muito bom depois dessa energia achei uma beleza bom, bom mesmo (EVERALDNA, 65 anos).

Muitas coisas que a gente não possuía antes, agora a gente tem né? Um som, uma geladeira, televisão, um liquidificador que a gente não podia ter e agora a gente tem. No tempo que existia gás era só pra uma coisa só, só o candeeiro, não existia televisão nem nada e aí a energia veio pra geladeira, o som a televisão, liquidificador e só (ELENILDO, 38 anos).

Diante desses relatos, percebe-se a importância do acesso à energia elétrica, pois algo que é tão comum em outras localidades é colocado como sendo uma novidade e, realmente para os moradores é uma inovação poder utilizar eletrodomésticos. Contudo, na questão da conserva dos alimentos, ela evidencia que alia às práticas atuais com as anteriores a chegada da elétrica.

Dentro das perspectivas de melhorias, urge a necessidade de construção de uma estrada que ligue tanto a comunidade do Cabeça como as demais ao Adro de São Gonçalo para que assim se possa amenizar as dificuldades de acesso à comunidade.

A dificuldade é ir à feira que é longe, a gente tem que viajar um pouco pra pegar um carro quando não é pro adro é na Pedra Solta, essa é a dificuldade. E dificuldade é água que ficou muito longe, teria que ter uma cisterna aqui, foi pro adro pra outros lugares e pra aqui não veio (EVERALDINA, 65 anos).

A comunidade do Cabeça fica situada em cima de uma montanha por isso a dificuldade de acesso, descendo essa montanha chegaremos a outras localidades do município de Itiúba, como a Pedra Solta, localidade para onde alguns moradores tiveram que se mudar por conta do fechamento da escola. No mesmo ano da chegada da energia elétrica, a escola foi nucleada e todos os alunos tiveram que

migrar para o Adro, então, alguns pais optaram em residir na Pedra Solta, a fim de que seus filhos não ficassem sem estudar ou tivessem que andar do Cabeça até Adro distância bem avantajada e cheia de acidentes geográficos, considerada inapropriada para as crianças, especialmente as menores.

Escola não que não tem criança nenhuma aqui, só tem as menina ali, os meus netos foram morar na pedra solta, antes se tivesse uma escola aqui seria muito bom, mas até agora não apareceu à escola aqui pertinho. Teve tempo que eu ensinei as crianças aqui em casa depois a Cecília veio aqui, pra eu ficar ensinando aqui eu disse: não doutora num quero ensinar não, da mais pra trabalhar não, e não quis mesmo (EVERALDINA, 65 anos)

Deus livre, não tem menino e os meninos que tem aqui ó, uns estuda no adro outro na pedra solta e os que têm no adro nem aprenderam nem nada saíram foram tudo da escola saíram, todo dia vindo de pé, todo dia vindo de pé não tinha cabimento não, e saíam cedo coitadinho, três a quatro da tarde era que vinham chegando, aí o menino ali que estudava que passou pro adro, diz ele que tá sendo pior ta sendo a mesma coisa porque vai todo dia pelo Sõe, vai e volta de pé, tem cabimento? Esse quando chegar à idade já não aguenta mais as perna já ta cortada de tanta ladeira (MARIA JOANA, 66 anos).

Depois que chegou a energia a escola fechou, aí, ficou totalmente difícil, que pra os menino ir pro Adro aí fica difícil ó, e quando ta chovendo fica pior e aí não que era pertinho. Saio daqui umas seis, seis e pouca quase sete horas e saio de lá onze e quarenta, esperando até trazer eles de volta, fica ruim por isso, é porque não tem escola aí porque os povos não quiseram, a metade né? Que se por uns quisesse ela hoje ainda tava aberta, como que diz, eu tenho dois e faço o trabalho de ir levar, mas tem muitos pequenininhos que precisa

ir pra escola e não pode, não tem escola perto. É bom ó, como eu não sei a leitura, mas se pra eles aprender era melhor, se fosse mais perto a escola ainda seria melhor, por eu não saber, mas me esforço pra meus menino saber, tem vez quando eu acho ganho, quando eu acho ganho ó, não perco dois dias pra levar eles no Adro, a mais velha não, que vai a tarde, mas quando a mãe não pode eu boto eles na frente e vou levar só pra afim de ver eles aprender. Cortam o bolsa família, mas a gente não ta interessado não, é bom porque dá uma ajuda, mas a gente quer que eles aprendam mais que uma coisa que eu não sei só sei malmente assinar o nome, não sei ler, não sei escrever bem, eu me esforço, só isso pra eles aprender mais do que eu porque eu não sei, bolsa família é bom me ajuda bastante, mas eu faço mais pra eles aprenderem bastante (ELENILDO, 38, anos).

É importante ressaltar que ao nuclearem a escola que atendia os alunos do Cabeça e das comunidades circunvizinhas, a conjuntura da secretaria de educação não levou em consideração vários aspectos, como o direito da comunidade de ter uma escola, se não na sua localidade, porém, próxima a ela, isto está previsto em Lei, mas ocorre que alguns povos do campo ainda não estão cientes dos seus direitos e acabam, em sua inocência, se deixando levar pelos discursos persuasivos daqueles que são considerados letrados Arroyo (2001, p.37) esclarece que: “A educação rural deve permitir a aquisição de conhecimentos que possibilitem ao indivíduo e a comunidade à compreensão do meio em que vivem e os estimulem à busca de soluções para sair das condições adversas em que se encontram”.

Na atual LDB 9.394/96 pode-se notar um maior comprometimento com a educação do/no campo, sobressaindo no seu Artigo 23, inciso 2º que: “O calendário escolar deverá adequar-se às peculiaridades locais, inclusive climáticas e econômicas, a critério do respectivo sistema de ensino, sem com isso reduzir o número de horas letivas previsto nesta lei.” Com isso visa-se adequar o processo educativo as reais necessidades dos educandos. Com planejamentos que deem possibilidades aos sujeitos deste espaço, estudar e continuar trabalhando para garantir a sua sobrevivência (LEITE, 2003).

Entretanto, diante do que narra esse pai que inclusive já foi meu colega de sala quando estávamos nesta escola que ele cita que foi fechada, fica perceptível que mesmo esta lei favorecendo o aluno do campo, é possível que ela não esteja sendo utilizada de forma efetiva.

A educação continua sendo negada à população do campo, não só pela ineficácia de políticas públicas já existentes, como também pela falta da criação de novas, que proporcionem melhores condições ao ensino/aprendizagem. “Como resultado da histórica ausência de políticas públicas para o campo, evidencia-se hoje o problema estrutural da injusta escolarização no país” (MARSCHNER, 2011, p. 45).

Através de sua atuação o professor deve buscar conscientizar aquela população para que seja capaz de conhecer e reivindicar direitos que lhes são negados. É uma educação que possivelmente valoriza o aluno e a sua relação com o campo, trabalhando os valores, passando informações acerca da cidadania e do papel de cada um na comunidade. Também visa suprir as necessidades de cada aluno, garantindo a sua integridade física, psíquica e moral. Arroyo (2001) esclarece que: “A educação rural deve permitir a aquisição de conhecimentos que possibilitem ao indivíduo e a comunidade à compreensão do meio em que vivem e os estimulem à busca de soluções para sair das condições adversas em que se encontram” (p.37).

Para tanto, em tempos de pandemia, os pais foram designados a buscar, levar as atividades, pegar os *kits* de alimentação distribuídos na escola, certamente a aprendizagem pode não acontecer como o previsto, pois somente os estímulos, o auxílio e a força de vontade dos pais possivelmente não fora suficiente para que o aluno tenha o entendimento completo do conteúdo proposto sem uma explicação do professor, levando em consideração o contexto atual e o dos alunos da comunidade provavelmente o ensino e aprendizagem ocorram, mas fica inviável uma cobrança em âmbito educativo.

Dona Vera, foi professora do Mobral, fez parte do quadro de professores leigos, assim como Dona Maria que foi a primeira professora da escola que atendia os alunos do Cabeça e vizinhança, inclusive foi ela que me alfabetizou, uma pessoa que já está aposentada do trabalho, mas merece destaque pelo grande trabalho que realizou, assim como Dona Vera, ensinava pelo prazer de nos ver aprender e apesar de atuarem com públicos de níveis diferentes, uma com multissérie, a outra com Educação de Jovens e Adultos - EJA (denominada de Mobral antigamente).

Quanto à situação da água, na comunidade existe sistema de captação, os moradores pegam água para o consumo na 'fonte de minação' (lençol freático) denominada de 'fonte da velha Joana' (*in memoriam*), uma senhora que era mãe dos donos das terras onde a fonte fica localizada, por conta disso, ela foi batizada com esse nome. A fonte é uma muito pequena, mas a água é cristalina, ela é cercada de pedra para que os animais não tenham acesso à parte interna onde as pessoas pegam água, lá tem um lavatório feito de pedras que as pessoas utilizam para a lavagem das roupas.

Era carregando água na cabeça, direto num tá vendo dizer, na fonte de minação tá vendo aquele pé de pau lá florado, amarelinho? Pois a fonte é lá, nós carrega direto, nós sobe nessa laje, de lá vai na fonte sobe e desce, é duas a três viagem que nós damo na fonte pra encher as vasilhas. Pra comer, pra lavar, pra cozinhar, pra tudo minha fia, pra banho, agora nós tamo sofre que choveu ao menos eu que to com minhas vasilhas tudo cheia da biqueira, mas assim pra gasto, pra tomar banho, lavar um prato, lavar um pano, mas pra beber é na veia Joana direto (MARIA JOANA, 66 anos)

No período de estiagem, quando essa fonte da velha Joana fica com o volume de água baixo, os moradores por não ter como armazenar água em grande quantidade na ocasião chuvosa, precisam se deslocar para pegar água ainda mais longe, nas fontes de outras comunidades e isso demanda tempo e força física, pois eles pegam com os animais e carregam também em baldes na cabeça.

Nesse sentido, vemos a relevância da construção da estrada para que os moradores tenham acesso pelo menos às condições básicas de sobrevivência. O Senhor Gilson morador da comunidade do Cabeça que participou ativamente desse processo de carregamento dos postes, traz em uma de suas falas a importância da construção das estradas para a comunidade.

Só o ruim que não vem para aqui é a estrada porque o povo não deixa passar os tratores para vim. Como... O Gago foi até o Zequinha, o Zequinha não deixou passar, o Gago falou de comprar a... A área para passar o trator ele não deixou, disse que não vendia, precisão de dinheiro tinha, agora deixar vim,

não, para passar por dentro do que é dele, não. O Netinho veio até ele, ele falou que não conseguia deixar passar a estrada, aí... Sempre os doentes que caem aqui, a gente sempre leva na rede (GILSON, 56 anos).

Na mesma linha de pensamento Dona Maria Joana, descreve que mesmo com tamanha dificuldade de acesso alguns motoqueiros de *hally* ainda se atrevem a chegar até a comunidade com seus transportes. No formato da descrição compreende-se que esse acontecimento parece ser algo inusitado.

Até todo mundo falou quando essa energia veio a ombro, mas ante ter tirado a estrada, os donos tivesse, mas não consentiu, teve que vim no ombro, porque ninguém queria fazer cerca, ninguém hoje em dia como está as coisas, cancela cara... Portanto, teve que vim no ombro, mas os meninos, os motoqueiro de Itiúba cansaram de vim por aqui, dia de domingo quando dava fé só via as tuada da moto, desciam por ali, quando voltava lá pela casa de Josiel, só era os papoco no mundo (MARIA JOANA, 66 anos).

Não ia arrancar o capim né? Que o capim é um pé de ouro, não consentiu abrir cerca e fazer estrada por isso que não veio a estrada, mas como diz o Josiel dava pra vim, essa estrada tinha saído porque até lá no Pito vem mota, e porque aqui não vem? E aí por o Zequinha, só arrancava as pedras, pedrinha miúda no caminho e a máquina vinha ajeitando tinha dado pra vim home, e mesmo a metade do povo não se interessou, prefeito não se interessou aí por isso a metade foi o jeito trazer os porcos no ombro pra botar aí (MARIA JOANA, 66 anos).

No caso de algumas comunidades, àquelas onde a energia chegou primeiro que no Cabeça, foi possível a construção de estradas para levar o material, mesmo que agora elas não existam mais, já no Cabeça, quando foi cogitada a possibilidade de construção das estradas que podiam ser tanto pelo Toinho quanto pelo Adro, os

latifundiários, donos da maior parte das terras pelas quais os tratores precisariam passar, impediram, alegando que ficariam prejudicados.

Estas pessoas citadas pelo Senhor Gilson que foram até um desses senhores donos das terras, são pessoas da cidade, influentes que se dispuseram a mediar um acordo para a construção das estradas, porém, não obtiveram êxito. Por conta desse episódio, a única maneira de fazer com que a energia elétrica chegasse ao Cabeça, foi carregando o material usando a força física.

Para a construção da estrada infelizmente, depende da boa vontade, ou de políticas públicas consistentes que faça com os latifundiários entendam a necessidade não só da comunidade do Cabeça, todavia, das demais, pois a elas fica inviabilizado o direito de transitar carros e motos, ficando restrita a pessoas e animais. Sendo assim, um dos maiores problemas é quando adoce alguém, pois necessita da solidariedade de pessoas de outras comunidades para levar o doente até o Adro ou até ao Senhor Toinho, pontos aonde o carro chega.

E para transportar a pessoa que está debilitada há necessidade de uma rede; coloca-se a rede sobre um pedaço de madeira de forma que as duas pontas fiquem livres e duas pessoas possam pegar de acordo com o peso e a distância, a depender também da quantidade de pessoas que estão disponíveis, vai-se revezando até chegar ao local de destino. Sendo um caso grave, estando num período chuvoso, como no inverno ou as trovoadas no verão, a assistência dificulta ainda mais.

5.7 Vivendo na Serra, no Cabeça

Morar na Serra mesmo em meio a tantos desafios parece um privilégio que poucos têm. Lá o ar é diferente, talvez por conta do microclima frio, do orvalho misturado com neblina, na maior parte dos trezentos e sessenta e cinco dias o amanhecer tem sempre essa combinação. A vegetação é parecida com a dos cerrados, todavia, nosso bioma é a caatinga, o único no mundo que tem essa mistura.

Na Serra tem pés de café, mangueiras, jaqueiras, laranjeiras, bananeiras, abacateiros, jabuticabeiras, tangerineiras, goiabeiras, pinheiras, cajueiros além de tantas outras árvores frutíferas e nativas. As árvores citadas têm a estação de colheita e dependem da pluviosidade para proliferar, visto que não é habitual se

utilizar agrotóxico caso haja alguma praga. Tem muitas árvores nativas da caatinga como a aroeira, baraúna, barriguda, bromélias, malva branca, flor de jitrana, licurizeiro, uma diversidade delas.

Segundo os moradores entrevistados morar na Serra, no Cabeça é um primor.

Eu sair daqui pra ir pra rua não vou, pra lugar nenhum eu não tenho

Vontade de sair daqui pra lugar nenhum, nasci, me criei aqui, criei minha família toda aqui, graças a Deus, o caçulo ta com dezenove anos, vontade de sair daqui não tenho e posso sair daqui se for pra comprar outra área em outro lugar aí eu vou embora daqui, agora pra eu não poder comprar umas trinta ou quarenta tarefa de terra pra eu ir embora daqui vou não também, deixa eu aqui mesmo. Ir embora pra rua não tenho vontade, ir pra rua, até agora não chegou vontade, não sei de hoje por diante, de hoje por diante pode chegar vontade mas até agora não chegou não (GILSON, 56 anos).

Aqui é bom demais ó, falam todo mês: saia daqui vá pra outro lugar, o pessoal da pedra solta mesmo diz: “vem mulher sai de lá dessa Serra vem pra aqui”. Oxe! A Ni faz um tudo pra eu ir embora, mas não, meu lugar sempre é aqui, dê o que der, mas meu lugar é a Serra amo de coração, foi onde eu nasci e me criei é minha terra natal, não posso dizer que é ruim, mas é o melhor lugar que tem até quem vem de fora diz que aqui é um lugar tão bom quetinho sem zuada, e tempo de fruta ainda melhor. Nasci e me criei aqui, tô com sessenta e seis anos, agora já não to quase vivendo nada porque quem vevi cansada que nem eu, que vai pra todo lado, como tô lhe dizendo é ladeira... Já vivo com essas pernas que não aguento (MARIA JOANA, 66 anos)

Para além das adversidades, fica nítido o sentimento de pertencimento e apreço pelo seu *habitat*, mesmo sendo ele cheio de imperfeições, entaves que

poderiam ser solucionados implementando políticas que propiciasse melhores condições de sobrevivência.

Mesmo estando na caatinga, uma das árvores mais difíceis de ser encontradas na Serra é o umbuzeiro e a cajazeira, possivelmente só um estudo aprofundado do solo para saber o real motivo, mas a suposição é que provavelmente o microclima não permita o desenvolvimento dessas espécies.

As pedras, na Serra certamente são sinônimo de beleza, aquelas montanhas altas que abriam fendam onde se formaram os caldeirões que são uma forma de captação de água muita utilizada pelos moradores. As nascentes têm água cristalina e estão espalhadas por várias comunidades, algumas até têm nomes e aparentemente a qualidade da água parece ser boa para o consumo humano, livre de poluição e necessitada de cuidados.

Os desafios de morar na Serra, no Cabeça além do tráfego, são que as políticas públicas parecem ser inacessíveis para esses moradores, o Cabeça especialmente, pois ele é comunidade mais distante da sede e provavelmente a dificuldade de acesso se tornara um dos fatores, mas não deve ser uma justificativa para o abandono por parte do setor público.

A dificuldade só é porque daqui pro Adro é longe, pra pedra solta é longe e pra Itiúba, e a água quando falta aqui na veia Joana que a gente vai buscar no Tijuco perto do Adro, a dificuldade só é essa, e o capim, a comida quando tá no tempo do sol por a comida pros animal, mas quando chove não, fica tudo mais fácil, a lenha também que é meio difícil a pessoa ir buscar, mas a dificuldade que eu acho só é essa, se eu achasse um lugar mais perto pra eu morar pra mim seria melhor. Para mim aqui o cabeça é o lugar melhor que tem na minha vida, um lugar sossegado não vê zuada de nada, gosto daqui, mas se eu achasse um lugar melhor pra eu sair daqui era melhor. Se tivesse outro jeito num já tinha saído, mas como não tem a gente fica aqui mesmo. O que precisa de mudar aqui, nada né? Só as escolas e o caminho que tão meio ruim, quando é tempo aí a gente tem que roçar o caminho que é pra ficar limpo que é pra as crianças ir pra escola pra não ter

atrapalha no meio do caminho, os prefeito não se interessa tem que ser os pais de família. (ELENILDO, 38 anos).

A dificuldade pra os menino aqui que tem ainda, que estuda, é longe moço, num era nem como esse prédio aí do São Bento, esse prédio aí era pertinho, mas aí foi porque os pais não se interessaram, tenho pra mim que foi porque não se interessaram, eu mesmo não me interessei Raimundinha porque não tenho mais filho pequeno, aí era pra meus fio, nera pra mim não. Você acha que tem cabimento o menino sair daqui com quatro anos e ir pro Adro? Num tem não, a dificuldade é essa mesmo por causa do menino ir pra escola, mas de resto não tem dificuldade nenhuma não Raimundinha aqui, só a escola e abrir o caminho pra passar moto de lá pra cá, só a escola que não tem pra os meninos estudar aqui perto, que tudo é no Adro, os bichinho. E a estrada que não vem não, não adianta que estrada os dono não deixa passar não, a Nalda não vai consentir o trator passar aí pra revirar o capim dela, o Zequinha num deixa, o seguinte é esse porque se deixasse vim a estrada era uma boa demais homem, porque como lá no Pripiri, o Pripiri ali é só fresca e água fria, só sombra e água fria no Pripiri, ali, agora (GILSON, 56 anos).

Os desafios de morar em algumas comunidades mais distantes como o Cabeça, por exemplo, é a necessidade de locomoção, entre outras, por conta da distância das escola e se acaso alguém fica doente, precisar ir ao médico e não consegue fazer isso andando ou dependente do animal, é necessário levar na rede até o Adro, onde tem acesso a carro. Conforme menciona Arroyo (2001, p.17):

A solução conseqüente está na democratização e na justa administração dos recursos do estado. O projeto de Estado do público gerido por técnicos e intelectuais competentes e comprometidos com uma distribuição menos desigual dos bens materiais e culturais, volta como solução.

Diante disso, para que ocorram progressos na educação em outros setores é

preciso que as pessoas designadas para essas ações tenham competências, comprometimento e ética na distribuição por igual dos recursos disponibilizados pelo Estado. E que tenham pleno conhecimento da real situação de cada localidade.

Ainda tem a questão dos caminhos (veredas) que nos tempos chuvosos ficam quase intransitáveis, pois os matos crescem e precisam ser aparados, sem contar a lama. Um dos maiores problemas para os moradores do Cabeça é escola que fica muito longe e tem criança, eles precisam andar em média diariamente na faixa de uns dezoito quilômetros para conseguir estudar.

No entanto, apesar das dificuldades, andando um pouco pela Serra, pelo Cabeça é possível observar o tratamento que as pessoas designam a natureza.

Ó mulher aqui mesmo já fiz uma ruma pra queimar, ali atrás faço outra pra queimar porque não tem onde jogar, porque aqui ói, é a casa do vizinho, aí é a casa do vizinho, fiz aquelas rumas e queimei, queimei aquela e agora tem outra de novo pra queimar, porque quando varro as folha desse pé de planta, porque lá é dele, mas toda vida eu varri meu pé de planta desde o tempo da dona aí ajunto de lá pra cá e boto fogo, que o pé de planta aqui é meu esse daqui, porque quando foi plantado ninguém sabia se ficava pro lado de lá, e quando foi dividido as terra e cada qual ficou com seus pedaços, o pé de planta ficou do lado de lá aí Chico ficou com pena de cortar, aí eu: “não, meu pé de planta não corto não” (MARIA JOANA, 66 anos).

As pessoas, na Serra, têm uma cultura de varrer ao redor da casa, o que é nomeado de terreiro, é cultural varrer o terreiro e juntar o que pode ser chamado de lixo, mas a composição desse ‘lixo’ muitas vezes é apenas material orgânico, pois os resíduos sólidos são reciclados. *Os lixos tudo que eu varro mando o menino fazer um buraco pra enterrar aquele lixo colocar naquele buraco e tacar fogo pra não ficar voando né? (EVERALDINA, 65 anos).*

Ainda que não tenham muita instrução técnica, eles cuidam da terra, do espaço que usufruem, dos animais, das fontes, conseguem valorizar o pouco que lhes é designado, compreendem o tamanho da essencialidade que tem a educação

seja ela formal ou informal, na vida de uma pessoa. Além desses pormenores, ainda cultivam o sentimento de solidariedade, sem ela a energia possivelmente não teria chegado à comunidade e dificultaria desenvolvimento da comunidade.

5.8 Apresentando o Produto Final

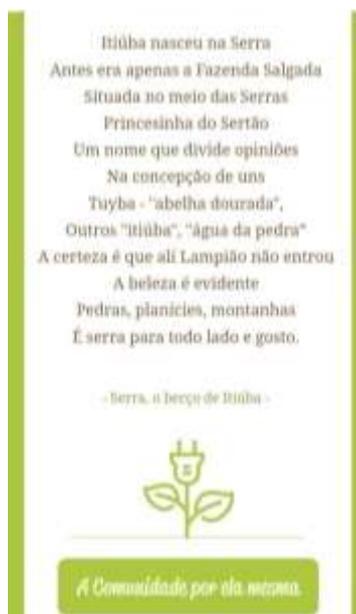
O produto final é uma das partes fundamentais do trabalho quando se trata do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento – PPGExR, pois ele é uma forma de devolução social e seu desenvolvimento é intrínseco à pesquisa.

O nosso intuito inicial era uma revista em quadrinhos que contasse a história da chegada da energia elétrica na comunidade do Cabeça, mas essa opção teve que ser repensada e reformulada a partir do momento que entramos nesse período pandêmico, pois as medidas sanitárias são imprescindíveis e quanto menos contato melhor para a nossa saúde. Sendo assim, essas questões limitaram a primeira ideia, por conta do deslocamento para a produção do material visto que, as impressões requeriam uma jornada não permitida perante o período em que todos precisávamos nos resguardar, para proteger a outrem e ficarmos protegidos.

Nesse sentido, em plena concordância, a segunda ideia foi à criação de um *site* intitulado www.luznaserradocabeça.com.br que foi pensado e estruturado detalhadamente para que a comunidade do Cabeça possa se sentir acolhida pela tecnologia e representada, embora sabemos que ainda há muito a se fazer pela comunidade, o produto deste trabalho tem o dever de importar a Itiúba, a Serra, a comunidade do Cabeça direto para as vossas telas, senhores (as) leitores (as).

Para tanto, o *site* foi pensado em dois *layouts* ¹³ diferentes, sendo um para aparelhos móveis e outro para computadores, como podemos visualizar nas imagens seguintes:

¹³ Configurações



6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procurou-se com o presente estudo propor uma reflexão sobre o tema “Luz no Campo: a chegada da energia elétrica na comunidade do Cabeça, Serra de Itiúba-Bahia”. Dessa forma, registramos, a seguir, considerações que se fazem necessárias.

Foi constatado, inicialmente, que tanto uma resposta para o problema proposto foi apresentada, quanto alcançamos os objetivos delimitados. Vale destacar, depois, no desenvolvimento desta dissertação, que os enfoques abordados em muito enriqueceram o tema desse trabalho, além de merecer destaque a criação de um *site* como produto final deste trabalho “www.luznaserradocabeça.com.br” com fotografias, biografias e textos literários, poemas que trazem uma melhor identificação da comunidade do Cabeça, assim como também um pouco de outros elementos importantes, entre eles as músicas, o *layout* e todo o conteúdo em si.

Cabe também uma apreciação sobre a análise e resultados apresentados, numa visão mais ampla, ou seja, foi confirmado, em meio a outras questões abordadas na pesquisa, que a energia elétrica teve incidência na cultura, nos hábitos e de certa forma transformou a vida das pessoas trazendo benefícios, contudo, não houve alteridade nas formas de trabalho, cuidados com o meio ambiente, ou seja, mesmo com as transformações e melhorias a cultura dos moradores, em partes ainda continua a mesma. E a comunidade, carente de políticas públicas, é possível perceber que a esfera municipal não tem muita atuação naquele espaço. Isso confirma a existência da consolidação de políticas públicas que visem facilitar a vida deles e para fortalecer os vínculos pela citada cultura, apesar dos tantos desafios, através dessas entrevistas, verificarmos a resistência, os esforços de todos esses moradores em continuarem no seu *habitat* natural, mesmo diante das dificuldades.

Nesse sentido, importante se torna refletirmos sobre algumas situações: A escola municipal que provavelmente atende alunos da comunidade não poderia dar um contributo, inserindo nas aulas a cultura regional local, destacando, assim, os direitos, a legislação, as lutas do homem do campo para conquistar seu espaço? O poder municipal não poderia ser um dos espaços para reflexão-ação e tentar amenizar as dificuldades destes sujeitos? Essas são algumas das sugestões que,

embora se apresentem em forma de perguntas, hipoteticamente estruturadas, podem contribuir para a valorização e preservação da referida cultura que, juntamente com outras propostas, certamente, trarão bons resultados.

Desse modo, este estudo chama a atenção, por sua vez, para uma reflexão acerca da necessidade de uma posição, tanto do poder público, quanto da escola que atende a comunidade do Cabeça, dos moradores da Serra como um todo, quanto de outros segmentos, pois só o trabalho em conjunto é capaz de somar forças e produzir “frutos” que quase sempre são muito satisfatórios, e é isso que a vida, as relações vem cobrando de todos nós. A respeito da relevância do trabalho mútuo, torna-se preciso ressaltar o seguinte grifo: “Ser consciente significa ser e estar dedicado ao serviço da humanidade (**Jair Tércio**)”.

Por todos os aspectos apresentados, acreditamos ter cumprido nossa missão, realizando um estudo que não somente está presente no âmbito da sociologia e da antropologia, mas também por deixar esse Trabalho de Conclusão de Curso - TCC pronto, principalmente para novas pesquisas, direcionando-o, antes de tudo, àqueles que intentam construir outros trabalhos científicos que tenham alguma relação com essa temática.

Assim, preciso se faz afirmar a alegria, “o brilho nos olhos” que nos foi propiciado por tal empreita. Com ela conseguimos realmente acrescentar mais uma possibilidade “radiante” de múltiplos aprendizados em nossas vidas, que certamente terão resultados muito relevantes nesta caminhada, como profissionais, sobretudo como fator de ampliação do nosso acervo cultural.

6.1 Recomendações

Essa dissertação mais do que me motivar à busca permanente do saber, de me estimular à pesquisa, mostra-me uma resposta precisa de que não posso recomendá-la para qualquer outra área do conhecimento, se antes não recomendar para todos aqueles que têm apreço pela Serra, assim também para todos os professores, não somente os professores da escola da Serra de Itiúba, mas a todo educador que se lança na busca incessante do saber.

Dessa forma, recomendo aos estudiosos da Educação e de outras áreas que tem a ver com a temática em pauta, para que possam utilizar desse acervo para novas pesquisas que venham a ser realizadas. Às Secretárias de infraestrutura, ao

poder público e as de Educação de forma geral, principalmente a de Itiúba, para que possam traçar projetos a partir desse estudo e que proporcionem melhorias para a educação que destinada as nossas diversidades de povos do campo, assim é possível auxiliar no progresso referida cidade. Ao Ministério da Educação - MEC, para que inclua em suas propostas de formação continuada discussões sobre o contexto e as circunstâncias que permeiam os alunos do campo.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Giovane. **Ciberespaço como virtualização em rede: a Internet como objetivação espectral do capital**. Marília: UNESP, 2002.
- ARIAS, P. Gás. **Cultura: Estratégias Conceptuales para comprender a identidad, La diversidad, La alteridad y La diferencia**. Escuela de Antropologia Aplicada UPS-Quito. Ediciones Abya-yala, 2002.
- ARROYO, Miguel G. (org.). **Da Escola Carente à Escola Possível**. 5 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001. (Coleção Educação Popular).
- AZEREDO, Robério. **Itiúba e os Roteiros do Padre Severo**. Porto Alegre (Brasil): UNIGRAF, 1987 - 1ª edição.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2001.
- BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação**. Portugal: Porto Editora, 1994.
- BOUGNOUX, D. **Introdução às ciências da comunicação**. Bauru: EDUSC, 1999.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. Ed. 16. São Paulo: Brasiliense, 2002.
- BRASIL. Constituição Federal de 5 de outubro de 1.988
- BRASIL. Decreto Presidencial, 02 de dezembro de 1999.
- BRASIL. Decreto 4.873, de 11 de novembro de 2003.
- BRASIL. Manual de Operacionalização do *Programa Luz para Todos*, Revisão nº 6, de 22 de fevereiro de 2009.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional da Educação. Parecer CNE/CP Nº 5/2020. **Reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da COVID-19**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 1 jun. 2020.
- BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. LDB, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.
- BRASIL. **Plano Nacional de Cultura**. MEC/Ministério de Cultura. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12343.htm. Acesso em 20/12/2019.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física**. Brasília: Imprensa Oficial, v.7, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>. Acesso em: 25 maio. 2020.

CANEVACCI, M. **Sincretismos**: uma exploração das hibridações culturais. São Paulo: Studio Nobel, 1996.

CARVALHO, Maria Cecília M. de. **Construindo o saber**: Metodologia científica – fundamentos e técnicas, 2ª Ed. Campinas SP, Papirus, 1989.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Civilização e cultura**: pesquisa e notas de etnografia geral / Luís da Câmara Cascudo. – São Paulo: Global, 2004.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHARDIN, Pierre Teilhard de. **Meu universo e a energia humana**. São Paulo: Loyola, 1980.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis: Vozes, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Notas: Ana Maria Araújo Freire. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo, NOGUEIRA, Adriano. **Que Fazer**. Teoria e Prática em Educação Popular. Petrópolis, RJ: Vozes, 1989.

FREITAS, Fátima e Silva de. **A diversidade cultural como prática na educação**/ Fátima e Silva de Freitas – Curitiba: InterSaberes, 2012.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1987.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

HOBBSBAWM, Eric. **Era dos extremos**: o breve século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOVE, S. A globalização dos riscos ambientais torna necessário um reforço das regulações internacionais (E. CASTRO, J. CASPURRO & R. MOUTA, Trad.). Em S. Cordellier (Dir.). **O novo estado do mundo**. 80 ideias força para entrar no século XXI. pp. 49-51. Porto: Campo das Letras, 2000.

LE GOFF, Jacques. “*Memória*”. In: **História e memória**. São Paulo: Editora da Unicamp, 1994, p. 423-483.

LEITE, Sérgio Celani. **Escola Rural: urbanização e políticas educacionais**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2003. (Coleção Questões da Nossa Época).

LEVY, Pierre. A revolução contemporânea em matéria de comunicação. In: MARTINS, Francisco Menezes; SILVA, Juremir Machado da (orgs.). **Para navegar no século XXI: tecnologias do imaginário e cibercultura**. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

LIBÂNEO, José Carlos; OLIVEIRA, João Ferreira; TOSCHI. **Educação Escolar: políticas, estrutura e organização**. ed. 10 Editora Cortez. São Paulo, 2011.

LUDKE, M. e ANDRÉ, M. E. D. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MAIA, B. R.; DIAS, P. C. **Ansiedade, depressão e estresse em estudantes universitários: o impacto da COVID-19**. Estudos de Psicologia (Campinas), Campinas, v. 37, e200067, 2020. <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200067>.

MANCE, Euclides André. **Globalitarismo e Subjetividade: algumas considerações sobre ética e liberdade**. Curitiba: IFIL, 1999.

MARSCHNER, Walter. **Lutando e ressignificando o rural em campo: notas epistemológicas**. *Interações (Campo Grande)* [online]. 2011, vol.12, n.1, pp. 41-52.

MAY, R. **O homem à procura de si mesmo**. ed. 20. Petrópolis: Vozes, 1994.

MIRANDA, A. L. **Da natureza da tecnologia: uma análise filosófica sobre as dimensões ontológica, epistemológica e axiológica da tecnologia moderna**. 2002 pp. 161 (Dissertação de mestrado). Programa de Pós-Graduação em Tecnologia do Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná (CEFET-PR).

MARX, Karl. **Elementos Fundamentales para la Crítica de la Economía Política (Grundrisse) 1857-1858**. Madrid: Sigloventiuno editores, 11^a ed., 1980.

MORIN, Edgar. **Cultura de Massas no Século XX: O Espírito do Tempo – I / Neurose**; tradução Maura Ribeiro Sardinha: Forense Universitária, 2001.

NOGUEIRA, O. L. **A fragilidade dos laços afetivos na sociedade contemporânea e seus impactos na vida das pessoas**. Belo Horizonte, 2013.

OLIVEIRA, Pérsio Santos. **Introdução à sociologia**. São Paulo: Ática, 2004.

PARO, Vitor Henrique. **Escritos sobre educação**. São Paulo: Xamã, 2001.

PEDROSO, Regina Célia. **Violência e Cidadania no Brasil: 500 anos de exclusão**. São Paulo: Ática, 1999.

PONCE, Aníbal. **Educação e Luta de Classes**. Ed. 11. Tradução de José Severo de Camargo Pereira. São Paulo: Cortez. Autores associados, 1991. (Coleção Educação

Contemporânea).

ROMANELLI, Otaiza de Oliveira. **História da Educação no Brasil**. ed 9. Editora Vozes. Petrópolis, 1987.

SABOURIN, Eric. **Camponeses do Brasil: entre a troca mercantil e a reciprocidade**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Cruel Pedagogia do Vírus**. Edições Almedina, S.A. Coimbra. Portugal. 2020.

SAUER, I.L. et al. **A Reconstrução do Setor Elétrico Brasileiro**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

SILVA, Marise Borba da; SCHAPPO, Vera Lúcia. **Introdução à pesquisa em educação**. Florianópolis, UDESC, 2002.

SILVA, J. **Narrativa e sentido da vida: uma aproximação entre Viktor Frankl e Paul Ricoeur**. São Paulo, 2011.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: **Identidade e diferença**. A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000.

SOARES, Delfim. **Revolução cibernética na comunicação e ilusão democrática**. Rio de Janeiro: Ciberlegenda, UFF, 1998.

SODRÉ, Muniz. **Reinventando a cultura: a comunicação e seus produtos**. Zarhar, 1986.

THIOLLENT, Michel, 1947. **Metodologia da Pesquisa-ação**. Ed. 5. São Paulo: Cortez, 1992. Autores associados (coleção temas básicos de pesquisa-ação).

UNESCO BRASIL. **A UNESCO e a cultura: buscando um papel central no desenvolvimento humano**. Brasília, DF: UNESCO, 2002. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001336/133678mb.pdf> Acesso em 20 de dezembro de 2019.

UNESCO. **A Comissão Futuros da Educação da Unesco apela ao planejamento antecipado contra o aumento das desigualdades após a COVID-19**. Paris: Unesco, 16 abr. 2020. Disponível em: <https://pt.unesco.org/news/comissao-futuros-da-educacao-da-unesco-apela-ao-planejamento-antecipado-o-aumento-das>. Acesso em: 26 jan. 2021.

VELHO, Gilberto. **Memória, Identidade e Projeto**. Revista Tempo Brasileiro. Nº. 95, out/dez, 1988. p.119-26.

VIRILIO, P. A imagem pública. In: **A máquina da visão**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994. p.55-70.

WOODWARD, Kethryn. **Identidade e diferença**: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000.

YIN, Robert K. **Estudo de caso** – planejamento e métodos. (2Ed.). Porto Alegre: Bookman. 2001.

YIN, Robert K. **Applications of case study research**. Thousand Oaks, California: Sage Publications. 1993.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Roteiro de Entrevista Semiestruturada

- 1- Para você, quais os principais hábitos culturais existentes na comunidade?

- 2- Como foi que a energia elétrica chegou até a comunidade, já que este é um local considerado acidentado do ponto de vista geográfico?

- 3- Com a chegada da energia elétrica o que você percebeu de mudança nos hábitos culturais da comunidade? Benefícios? Críticas?

- 4- Qual a sua opinião a respeito da chegada da energia elétrica na comunidade?

- 5- Sabemos que a energia elétrica utilizada na comunidade assim como nos demais locais, dispõe de uma taxa de encargos mensal. Qual a principal fonte de renda da comunidade?

- 6- Qual a sua relação com o meio ambiente e os animais? Qual a principal prática com o lixo produzido aqui na comunidade?

- 7- Quais as principais dificuldades em residir nesta comunidade?

- 8- Sabendo que a educação escolar pode ser de suma importância para o desenvolvimento de um povo, mas não é um fator determinante. Qual a conexão da comunidade com a escola?

- 9- Fale um pouco sobre o Cabeça, o que merece destaque e o que precisa ser divulgado. Como você se vê na comunidade? Qual a sua relação com essa comunidade?

ANEXOS

ANEXO A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da Pesquisa:

CAEE Nº:

Nome do (a) Pesquisador (a) responsável:

Você está sendo convidado (a) a participar desta pesquisa, que procura fazer uma análise e a partir daí compreender como a chegada da energia elétrica incide na cultura, nos modos de educação, na produção econômica e nas relações sociais da comunidade do Cabeça localizada na Serra de Itiúba-Bahia, uma vez que há um grande anseio em aprofundar nossos conhecimentos por meio desse trabalho em espaços não escolares, esse estudo acontecerá através do contato direto com a comunidade do Cabeça, a qual foi contemplada com a energia elétrica em junho de 2017. Sabemos que a cultura é uma propriedade fundamental para existência de um povo, mecanismo facilitador da aproximação entre o emissor e o receptor numa conversa, pesquisa ou descoberta sobre a origem, os modos e sobre a vida de um determinado povo. Nessa tarefa, vale ressaltar a importância das pessoas mais idosas da comunidade, considerando que são elas os ‘poços’ de saberes empíricos e terão muita significância na colaboração do nosso trabalho. Dessa forma, juntos construiremos conhecimentos dos mais diversos e significativos no exercício de sustentabilidade já incrementado no modo de vida na comunidade como uma forma de preservação do *habitat* e no entorno do desenvolvimento desse espaço, onde se considera a chegada da energia elétrica um avanço, sobre o qual essa pesquisa pretende estudar e versar os efeitos na cultura desses sujeitos constituídos no campo. Além disso, ressaltamos que o processo da construção coletiva, dialógica e articulada com conhecimentos tradicionais, culturais e sócio-técnico-científico é imprescindível para que seja admissível impulsionar uma mudança substancial nessa comunidade abarcando todas as outras que anteriormente passaram pelo processo inclusão no sentido tecnológico, portanto, (re) construir ações sociais em conjunto, numa perspectiva que garanta sustentabilidade socioambiental e

econômica, preserve a identidade cultural da comunidade e a educação escolar como parte essencial da nossa cultura, pois ela estabelece vínculos a todo e qualquer processo de formação.

Sua participação é importante, porém, você não deve aceitar participar contra a sua vontade. Leia atentamente as informações abaixo e faça, se desejar, qualquer pergunta para esclarecimento.

Envolvimento na pesquisa: A pesquisa será realizada através de entrevistas semiestruturadas com gravação de áudio. No caso das gravações em áudio, as informações serão transcritas e digitadas, em horários e locais que o participante achar de acordo.

Riscos, desconfortos e benefícios: A participação nesta pesquisa não infringe as normas legais e éticas e os procedimentos adotados obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos, pois nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à sua dignidade humana. O Projeto apresenta riscos mínimos, pois poderá haver algum tipo de constrangimento, no entanto, foram tomadas medidas, a seguir descritas, buscando impedir que ocorram. O/a senhor/senhora poderá ou não receber o pesquisador para a realização da entrevista semiestruturada, após consentimento prévio dado por telefone, ocasião em que foi agendado dia, local e horário indicados pelo (a) senhor (a) em que teria disponibilidade. Lembramos que, mesmo após consentimento prévio, tenha desistido ou não tenha condições de receber o pesquisador, tal recusa não trará qualquer problema ao (a) senhor (a), pois não é intuito do pesquisador atrapalhar a rotina pessoal e/ou de trabalho ou causar qualquer outro prejuízo ao bem-estar e privacidade do senhor ou senhora. Em relação à divulgação da identidade dos participantes ou constrangimentos posteriores ligados à divulgação dos resultados da pesquisa, todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais, somente o pesquisador seu orientador e coorientador terão conhecimento de sua identidade e dessa forma nos comprometemos a mantê-la em sigilo ao publicar os resultados dessa pesquisa, entretanto a participação nesta pesquisa envolve riscos mínimos, pois ao responder as entrevistas, serão tomadas todas as precauções para assegurar à ética e o sigilo de identidade dos respondentes. Em caso da percepção de qualquer risco ou dano significativos ao participante ou à instituição da pesquisa, será comunicado ao Sistema CEP/CONEP, para avaliar a necessidade de adequação ou suspensão do estudo, visando à proteção do participante da pesquisa, bem como do local

pesquisado, no qual serão adotadas as seguintes medidas, providências e cautelas que podem ser adotadas frente aos riscos e danos como forma de mitigação: Minimizar desconfortos, liberdade para não responder questões constrangedoras, garantir a não violação e a integridade dos documentos (danos físicos, cópias, rasuras), assegurar a confidencialidade e a privacidade, a proteção da imagem e a não estigmatização, garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades, inclusive em termos de autoestima, de prestígio e/ou econômico financeiro, Garantir que sempre serão respeitados os valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos, bem como os hábitos e costumes quando as pesquisas envolverem comunidade. O senhor (sra.) terá direito a assistência gratuita, imediata e integral e pelo tempo necessário em caso de dano decorrente da participação, por danos caso venha a ocorrer decorrentes da pesquisa, e ressarcimento de eventuais despesas de participação. Ao participar desta pesquisa o/a senhor/senhora não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo traga importantes contribuições na perspectiva de desenvolvimento local para a comunidade do Cabeça, divulgando as potencialidades e todos os processos sociais existentes na localidade. Esperamos também que o conhecimento que será construído a partir desta pesquisa possa se estender a outros atores sociais, trazendo benefícios também para outras localidades do município de Itiúba. O pesquisador se compromete a divulgar os resultados obtidos, respeitando-se o sigilo das informações coletadas.

Garantias éticas: Todas as despesas que venham a ocorrer com a pesquisa serão ressarcidas. Caso haja valor de deslocamento e/ou alimentação os valores gastos serão devolvidos. É garantido ainda o seu direito a indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa.

Você tem liberdade de se recusar a participar e ainda se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo.

Confidencialidade: É garantida a manutenção do sigilo e da privacidade dos participantes da pesquisa, mesmo após o término da pesquisa. Somente o (s) pesquisador (es) terão conhecimento de sua identidade e nos comprometemos a mantê-la em sigilo ao publicar os resultados.

É garantido ainda que você terá uma cópia deste documento e acesso aos resultados com o (s) pesquisador (es). Sempre que quiser poderá pedir mais informações sobre a pesquisa com o (s) pesquisador (es) do projeto e, para

quaisquer dúvidas éticas, poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa. Os contatos estão descritos no final deste termo.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Obs: Não assine esse termo se ainda tiver dúvida a respeito.

_____, _____ de _____ de 20____

Assinatura do Participante da Pesquisa

Assinatura de testemunha (quando aplicável na pesquisa)

Assinatura do Pesquisador responsável pela aplicação do TCLE

Pesquisador Responsável: Raimunda Pereira da Silva, Itiúba-BA, raimundaps88@hotmail.com, raimundaps88@gamil.com (74) 9 9101-4254.

Demais pesquisadores da equipe de pesquisa: Fúlvio Torres Flores (orientador) e Braz José do Nascimento (coorientador).

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar:

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP-UNIVASF

UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO - UNIVASF
Av. José de Sá Maniçoba, S/N – Centro - Petrolina/PE – Prédio da Reitoria – 2º andar

Telefone do Comitê: 87 2101-6896 - E-mail: cep@univasf.edu.br

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP-UNIVASF) é um órgão colegiado interdisciplinar e independente, de caráter consultivo, deliberativo e educativo, que visa defender e proteger o bem-estar dos indivíduos que participam de pesquisas científicas.

ANEXO B – Parecer de aprovação do Comitê de Ética e Deontologia em Estudos e Pesquisas da Universidade Federal do Vale do São Francisco.

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Luz no Campo: A Chegada da Energia Elétrica na Comunidade do Cabeça, Serra De Itiúba-Bahia

Pesquisador: Raimunda Pereira da Silva

Área Temática:

Versão: 4

CAAE: 25846619.4.0000.5196

Instituição Proponente: UNIVASF

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.382.310

Apresentação do Projeto:

O projeto de pesquisa está ligado ao Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural – PPGEExR, cuja pesquisadora responsável é a mestrande Raimunda Pereira da Silva. O projeto contempla todas as seções essenciais para a análise ética.

Objetivo da Pesquisa:

Os objetivos estão bem delineados, são exequíveis, estão em acordo com a metodologia proposta e podem ser atingidos no prazo estipulado pelo cronograma.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Foi realizada uma análise dos riscos pertinente, com previsão de estratégias para minimizá-los, assim como foram apresentados os potenciais benefícios que a pesquisa pode propiciar aos seus participantes.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Após pendências apresentadas por este CEP, a pesquisadora procedeu alteração adequada dos seguintes itens: cronograma e orçamento.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O TCLE foi reformulado, atendendo as pendências pontuadas no parecer anterior. Ainda, apresentou carta de anuência da comunidade pesquisada.

Recomendações:

Recomenda-se a aprovação.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O projeto foi corrigido e atende aos aspectos éticos de proteção aos participantes da pesquisa.

Considerações Finais a critério do CEP:

É com satisfação que informamos formalmente a V^a. Sr^a. que o projeto "Luz no Campo: A Chegada da Energia Elétrica na Comunidade do Cabeça, Serra De Itiúba-Bahia" foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UNIVASF. A partir de agora, portanto, o vosso projeto pode dar início à fase prática ou experimental. Informamos ainda que no prazo máximo de 1 (um) ano a contar desta data deverá ser enviado a este comitê um relatório sucinto sobre o andamento da pesquisa.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMACOES_BASICAS_DO_PROJETO_1462631.pdf	12/08/2020 22:15:57		Aceito
Outros	CARTA_DE_RESPOSTA_AS_PENDENCIAS.pdf	12/08/2020	Raimunda Pereira da	Aceito

		22:13:08	Silva	
Outros	CARTA_DE_ANUENCIA.pdf	12/08/2020 22:07:24	Raimunda Pereira da Silva	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO_DA_PESQUISA.pdf	12/08/2020 21:45:26	Raimunda Pereira da Silva	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	12/08/2020 21:42:55	Raimunda Pereira da Silva	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA_DE_EXECUCAO_DETALHADO.pdf	12/08/2020 21:42:34	Raimunda Pereira da Silva	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_DE_PESQUISA_DETALHADO.pdf	08/07/2020 14:05:43	Raimunda Pereira da Silva	Aceito
Brochura Pesquisa	PROJETO_DE_PESQUISA.pdf	08/07/2020 14:04:39	Raimunda Pereira da Silva	Aceito
Folha de Rosto	FOLHA_DE_ROSTO.pdf	11/11/2019 19:29:47	Raimunda Pereira da Silva	Aceito
Declaração de Pesquisadores	ORIENTADOR_TERMO_DE_CONFIDENCIALIDADE_E_SIGILO.pdf	31/10/2019 11:39:29	Raimunda Pereira da Silva	Aceito
Declaração de Pesquisadores	COORDINADOR_TERMO_DE_CONFIDENCIALIDADE_E_SIGILO.pdf	31/10/2019 11:36:17	Raimunda Pereira da Silva	Aceito
Declaração de Pesquisadores	DECLARACAO_DE_COMPROMISSO_DO_PESQUISADOR.pdf	31/10/2019 11:29:14	Raimunda Pereira da Silva	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

PETROLINA, 05 de
Novembro de 2020

Assinado por:**Rebeca Mascarenhas**

**Fonseca Barreto
(Coordenador(a))**

ANEXO C – Termo Cessão de Direito de Uso de Imagem



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO
FRANCISCO

*Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural –
PPGExR*

TERMO DE CESSÃO DE DIREITO DE USO DE IMAGEM

Eu, _____,
nacionalidade _____, estado civil _____,
profissão _____, inscrito (a) no CPF sob o N°
_____ e RG sob o N° _____, residente e
domiciliado (a) na comunidade _____, na Serra de Itiúba,
Território sisaleiro, cidade/estado _____. Pelo presente
instrumento autorizo o projeto de pesquisa “LUZ NO CAMPO: A CHEGADA DA
ENERGIA ELÉTRICA NA COMUNIDADE DO CABEÇA, SERRA DE ITIÚBA, BAHIA”
e o site www.luznaserradocabeça.com.br a divulgar e dispor na íntegra ou em parte,
para todos os fins cabíveis, inclusive fins institucionais, educativos, informativos,
técnicos e culturais, o meu nome, minha imagem (fotografia e/ou vídeo) e som de
voz sem que isto implique em ônus para esta Instituição.

Declaro, ainda, que a cessão de direitos de uso do meu nome , da minha imagem e
som de voz aqui ajustada tem caráter definitivo, autorizando a sua reprodução e
transmissão em número indeterminado de vezes, por qualquer meio de comunicação
existente.

Fica ainda **autorizada**, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a
cessão de direitos da veiculação das imagens não recebendo para tanto qualquer
tipo de remuneração.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima
descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha

imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

_____, _____ de _____ de 20____

Assinatura do Participante da Pesquisa

ANEXO D – Comprovante de Submissão de Artigo

Submissão Avaliação Edição de Texto Editoração

Arquivos da Submissão Q Buscar

▶  209545-1 raimundaps, Template para autor - Artigo INTERthesis.docx fevereiro 12, 2021 Texto do Artigo

[Baixar Todos os Arquivos](#)

Discussão da pré-avaliação Adicionar comentários

Nome	De	Última resposta	Respostas	Fechado
<i>Nenhum item</i>				